

JOÃO MANUEL GONÇALVES LOURENÇO

Senhor Presidente

PRESIDENTE DA REPÚBLICA. Treze anos depois de ter manifestado publicamente a intenção de substituir José Eduardo dos Santos, João Lourenço vê o 'sonho' tornado realizado. Apeado de secretário-geral do partido em 2003 para trabalhar no Parlamento, regressa à ribalta como vice-presidente do MPLA, pela mão de José Eduardo, depois de ter sido feito ministro da Defesa. A partir de amanhã, é definitivamente o PR. **Págs. 8 e 9**

EM NOVEMBRO

Banco do Brasil fecha portas em Luanda

Os planos de consolidação do Banco do Brasil em Angola chegam ao fim. Em Novembro, a representação do banco em Luanda fecha as portas e fontes do VALOR garantem que os funcionários estão de malas arrumadas, de regresso ao Brasil. **Págs. 8 e 9**

25 de Setembro 2017
Segunda-Feira
Semanário - Ano 2
Nº 78 / kz 400

Director-Geral
Evaristo Mulaza

BNA com pior leilão

O Banco Nacional de Angola realizou a pior venda das últimas 10 sessões, libertando apenas 52,7 milhões de euros, na semana de 11 a 15 de Setembro. O valor representa uma quebra de 60%, face à colocação da semana anterior (de 4 a 8 de Setembro), em que as vendas atingiram 138,6 milhões de euros. **Pág. 14**

Moedas **AKZ** 166,7 Kz (+0) ▲ **EUR** 199,26 Kz (-0,16) ▲ **LIBRA** 225,7 KZ (+5,06) ▲ **YUAN** 25,32 kz (-0,16) ▼ **RAND** 12,54 KZ (-0,22) ▼

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



ANGOLA AVANTE

O mérito de um país e de uma sociedade residirá, também, na capacidade do seu povo de varrer os pedaços do desentendimento para fora do seu quintal e olhar em frente. Não significando necessariamente passividade, mas deverá prevalecer a ideia de que o que nos aguarda como sociedade é bem mais urgente do que as diferenças que, em determinada altura, nos separou.

Amanhã, Angola terá um novo líder no exercício do mais importante cargo de Estado. João Manuel Lourenço será empossado num contexto em que o bom senso, obviamente, aconselharia que fosse diametralmente diferente. A esta altura, estaria o país todo em júbilo e manifesta esperança de que os grandes desafios que se nos apresentam como país são bem merecedores das nossas preocupações do que qualquer outro tópico, seja de que natureza for.

A profunda crise económico-financeira continua a privar milhões de famílias angolanas, não sendo, por isso, demais notar que esse tópico deverá pontuar no topo das prioridades não apenas do novo Executivo, mas também dos legisladores que, até ao final de Setembro, deverão tomar posse.

Com o país ainda depen-

dente do seu quase exclusivo produto de troca, o cenário internacional apresenta-se, neste momento, desfavorável e a projecção dos próximos tempos ainda não anima. O preço do crude regista melhorias tímidas. Até poderá passar da timidez e atrever-se a espreitar a fasquia seguinte, mas não é crível que alcance o valor que permitirá ao país algum desafogo a curto ou médio prazo.

Regra geral, os problemas políticos resultam em distração e é isso que os angolanos quererão evitar. Pelo contrário, desejarão que a união entre as várias frentes seja a nota tónica no momento em que se espera que a renovação do ciclo político traga nova dinâmica e novas abordagens para a solução gradual de problemas estruturantes e transversais.

Não será certamente fácil arquivar pretextos que se acreditem terem razão de existir, sobretudo se esses decorrerem da vontade de milhares ou mesmo milhões de cidadãos. Mas também de estes milhares ou milhões que se espera o entendimento de que problemas diários de sobrevivência, por um lado, e de progresso, por outro, se sobrepõem a reivindicações políticas decorrentes de um processo em que quase é consenso que teve falhas sim, mas deve agora ser superado e servir de exemplo para que ama-

nhã façamos melhor.

É quase certo que as duas principais forças da oposição não se farão presentes da Praça da República para testemunhar o render da guarda, mas regozijemo-nos porque prevaleceu o bom senso e terão os seus militantes a engrossar outra frente indispensável para o processo democrático que temos vindo a erigir e a consolidar nos últimos 25 anos.

Mas o bom exemplo deverá partir também de quem foi declarado vencedor. O princípio de quem vence governa todos, até quem em si não confiou no momento do voto, será crucial para que se garantam abordagens inclusivas e participativas dos problemas políticos, económicos e sociais, sejam eles de alcance nacional, provincial ou mais restrito. Importará que se atenda o cidadão. Sempre.

Na liderança do Executivo e da Assembleia Nacional, será legítimo esperar do MPLA a garantia de que também da Oposição partem propostas válidas e patrióticas; que também ela tem iniciativas legislativas e de governação que o domínio parlamentar não deve menosprezar. Será precisamente aqui que residirá a capacidade da nova classe dirigente angolana de encarar o essencial para que Angola supere problemas e encontre soluções que permitam ao país mover avante.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo:

António Nogueira

Editor gráfico:

Pedro de Oliveira

Redacção:

António Miguel, César Silveira, Isabel Dinis, José Zangui, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Fotografia:

Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Secretária de redacção:

Rosa Ngola

Paginação:

Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Revisores:

Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores:

Cândido Mendes, Mateus da Graça Filho

Produção gráfica:

Notiforma SA

Propriedade e Distribuição:

GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem:

4.000 N.º de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração:

Mariquinha Rego

Departamento Administrativo:

Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial:

Arieth Lopes, Geovana Fernandes

comercial@gem.co.ao, Tel.:

+244 941 784 790-(1)-(2)

N.º de Contribuinte:

5401180721;

N.º de registo estatístico:

92/82 de 18/10/82

Endereço:

Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade,

Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510,

222 320511 Fax: 222 320514

E-mail:

administracao@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Rui Jordão,

DG da ITA

Que verba a Internet Technologies Angola (ITA) espera angariar com a realização da 6.ª edição do Torneio de Golfe Solidário?

No ano passado, angariámos cerca de quatro milhões de kwanzas, que foram investidos na reabilitação de uma escola e no Manual de Recursos para a Deficiência. Este ano, esperamos alcançar um valor mais alto, até porque o objectivo é diferente e implica um esforço acrescido para ter sucesso. Este é o 6.º Torneio Golfe Solidário e, portanto, queremos, no mínimo, atribuir seis bolsas de estudo.

Quantos estudantes terão já beneficiado da iniciativa?

Esta é a primeira vez que nos propomos atribuir este tipo de apoio. Nas outras edições, canalizámos os fundos angariados para iniciativas pontuais, tais como reabilitação de instalações, apoio a instituições, etc. Agora, o nosso objectivo passa por disponibilizar estes apoios às universidades estatais e privadas, com as quais estamos a estabelecer acordos e queremos acompanhar o desenvolvimento dos alunos.

Existem áreas específicas para a atribuição de bolsas?

Maioritariamente tecnológica porque é também a nossa área de actuação.

19 TERÇA-FEIRA
Luanda está a registar diariamente, nos últimos tempos, cortes de energia eléctrica, devido à sincronização da primeira máquina da central de Laúca à das barragens de Cambambe e Capanda. A declaração foi dada pelo administrador para a Região de Luanda e zona norte da ENDE, Hélder Adão.

20 QUARTA-FEIRA
Angola foi o terceiro maior comprador de frango do Paraguai, atrás do Vietname e da Rússia. O país comprou 21,6% da produção, a Rússia 23,8% e o Vietname 24,9%, revelou o relatório do Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Animal daquele país, dos últimos seis meses deste ano.

21 QUINTA-FEIRA
A exploração de inertes na Huíla aumentou nos últimos meses. Foram produzidos mais de 20 mil metros cúbicos de brita e 1.855 de areia para a construção civil, informou a directora da Indústria, Geografia e Minas, Paula Joaquim.



SEGUNDA-FEIRA

200 tanques para a produção da tilápia estão a ser construídos na Barra do Dande, Bengo, pela empresa chinesa RSI, no valor de um milhão de dólares, revelou o porta-voz da empresa, Pedro Panzo. O projecto visa contribuir para o desenvolvimento social e económico daquela província.

22 SEXTA-FEIRA
O presidente da República eleito e o vice-presidente eleitos, João Lourenço e Bornito de Sousa, respectivamente, despediram-se dos colaboradores dos ministérios onde exerciam cargos, antes da suspensão dada pelo Presidente da República para se dedicarem a campanha eleitoral.



23 SÁBADO
A cooperativa habitacional guardiões do futuro e a construtora Adms services, assinaram um acordo que permitirá a construção de mil casas. Este projecto vai permitir aos cidadãos adquirir casas a preços que variam de 50 a 200 mil dólares.



24 DOMINGO
Pelo menos, 40 cabeças de gado bovino foram leiloadas em Ondjiva durante a primeira edição da Feira da Juventude e dos Antigos Combatentes, que decorreu no recinto da feira Agropecuária do Cunene, no âmbito do aniversário do primeiro presidente de Angola.



COTAÇÕES



TRUMPE KIM JONG-UN NÃO TRAVAM PSI-20

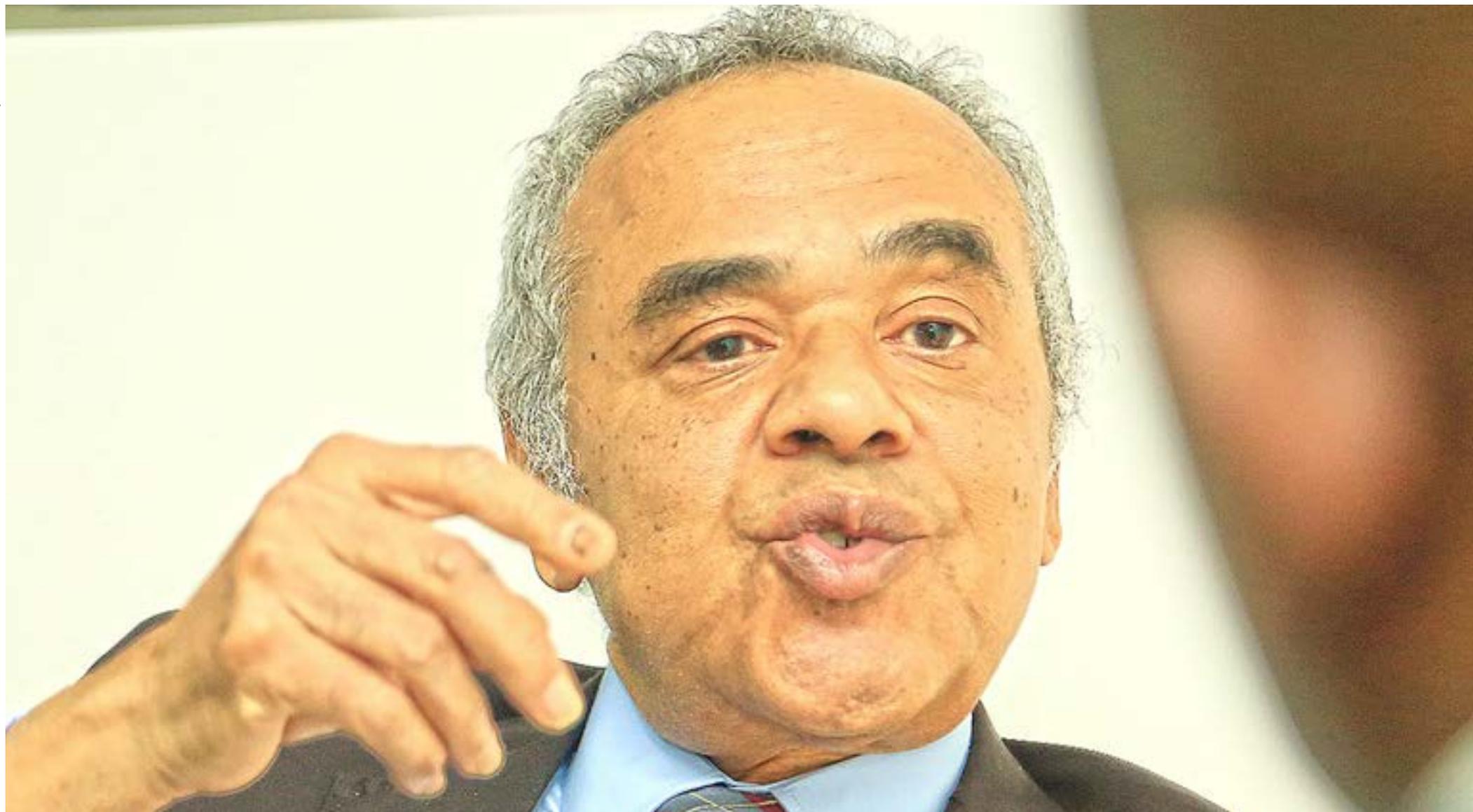
A bolsa de Lisboa abriu da última sexta-feira a negociar em alta, estando o PSI-20 a valorizar 0,16% para 5.314,51 pontos, com nove empresas em alta, sete em queda e duas inalteradas. Um quadro que não se observa nas demais praças europeias, que, a poucas horas do fecho da sessão, não se verifica uma tendência definida. O índice que agrega as 600 maiores empresas do Velho Continente, o Stoxx 600, por exemplo, cedia 0,09%. Os conflitos entre a Coreia do Norte e os EUA estão na base da queda.



CHINA PROTESTA 'NOTA' DO STANDARD & POOR'S

O Ministério das Finanças chinês criticou, na tarde da última sexta-feira, a decisão da Standard & Poor's de reduzir a nota atribuída à dívida da China, considerando que a agência de 'rating' ignorou a robustez da economia do país. A agência de avaliação aos níveis de risco soberano cortou a nota da China de AA- para AA+, com o "prolongado período de forte crescimento do crédito, que aumentou os riscos económicos e financeiros" para Pequim. A decisão está pressionar investidores na bolsa de Hong Kong.

Entrevista



JOSÉ CERQUEIRA, ECONOMISTA

“O pior mal é a discrepância entre a taxa de câmbio paralela e a oficial”

Economista critica a política restritiva monetária do BNA que, segundo diz, não serve nem para combater a inflação, tão-pouco as altas taxas de juros e censura igualmente a política fiscal de austeridade. Em entrevista ao VE, José Cerqueira fala do livro da sua autoria, sobre a economia nacional, que prevê lançar ainda esta semana, em Luanda, onde também defende a reformulação das contas nacionais que “têm estado a ser mal elaboradas”.

Por António Nogueira



O livro “A Nova Economia Angolana” que prevê lançar ainda esta semana é uma abordagem à crise que assola

actualmente o país?

O livro aborda duas vertentes da economia nacional. A principal visa analisar os aspectos da economia

nacional na actual conjuntura para indicar algumas vias de difícil superação em que nos encontramos. Num outro ângulo, indico os fundamentos teóricos que levam a esta análise. Entretanto, o aspecto principal é a economia angolana e aí começo logo com um ponto de ordem que, no fundo, é dizer que a economia angolana sofreu uma recessão profunda desde 2014. Ou seja, o valor da produção baixou e o rendimento e o poder de compra da população também baixaram, o que contraria a narrativa dominante que diz que a economia não teve recessão ou então

que a economia continuou a crescer, mas devagarinho.

O que se passa é que os métodos de contabilidade nacional em uso estão muito ultrapassados. E é em função disso que se diz que a economia está a crescer. O preço do petróleo baixou enormemente, mas, como a quantidade física produzida não baixou, acha-se que se produz o mesmo valor, quando não! Quando baixa o rendimento, baixa o poder de compra e assiste-se a uma redução no número de emprego e são interrompidas construções de edifícios, enfim, estamos diante de uma recessão. No

“Os bancos de depósitos não devem ser autorizados a fazer aplicações em investimentos a longo prazo. Só os bancos de investimentos e estes só poderão fazer isso com a autorização.”

cionado com a elaboração da contabilidade nacional?

É fazermos uma contabilidade nacional focada essencialmente nos fluxos monetários de rendimento como, por exemplo, no rendimento monetário da população. E também que essa contabilidade nacional se baseie muito em amostragens e não nos métodos que têm sido apresentados hoje, cuja metodologia é até desconhecida. Ou seja, nunca foi publicado qual é o método de contabilidade nacional que se usa. É um bocado no segredo dos deuses. Portanto, penso ter sido por incapacidade, a contabilidade nacional não ter detectado um fenómeno que até a população a olho nus dá conta que o seu poder de compra baixou, depois do choque petrolífero.

Essa nova obra já traz a perspectiva do cenário económico nacional tendo em conta o processo de transição política que está agora a ocorrer no país?

Eu não me meto muito em questões políticas. Agora, o que digo é que é preciso uma grande reviravolta na política económica angolana. Estamos muito submetidos ainda às visões do FMI, da Europa, enfim, que nos condicionam a políticas que impedem o crescimento económico. Isto é terrível para África. No continente africano, particularmente em Angola, temos um crescimento populacional muito elevado. A taxa de crescimento demográfico está na ordem dos 3% em Angola. Para isso, precisamos de crescer muito, do ponto de vista económico. Ou seja, ter uma taxa de crescimento de sete, oito ou até 9% durante os próximos 10 anos. Mas, para isso, tem de haver emprego. Nós temos um desemprego terrível, mas a experiência dos outros países mostrou que, quando há políticas que favorecem o crescimento económico, a economia tende a proporcionar emprego em períodos de menos de 10 anos. Essa é a grande transformação que temos de efectuar, nos próximos 10 anos, e isso implica que haja um sentimento de independência mental da parte dos dirigentes africanos, no sentido de se encontrar em políticas económicas que estejam mais de acordo com as introspecções dos problemas africanos, baseados na observação do que se passou nos países que hoje são desenvolvidos e virar as costas às políticas que principalmente os europeus, mas também o FMI e o próprio Banco Mundial, nos têm vindo a impingir nos últimos 30



Mário Mujetes © A/E

anos e cujos efeitos não vimos.

Em África, a corrupção, entretanto, tem sido um dos males que enfermam o desenvolvimento económico dos países. No caso particular de Angola, o novo Governo, liderado por João Lourenço, promete combater o fenómeno. Acha que o novo elenco governativo terá capacidade para tal?

Não vai ser fácil, mas não vai ser impossível. É preciso que o Governo, em primeiro lugar, se liberte de ter uma influência e uma actuação muito grande na economia e preencha aquilo que é essencial que são a saúde, educação, os tribunais, a diplomacia, o exército e a segurança pública e deixe o resto para a iniciativa privada. E é preciso também pagar convenientemente a classe política. Muitas coisas que hoje passam por baixo da mesa podem ser passadas por cima da mesa. Por exemplo, nos casos em que há uma grande compra pública, o vencedor do concurso já sabe que tem de pagar cinco ou 10% para apoiar os funcionários públicos. Isso pode passar por cima da mesa e depois ser repartido de acordo com as regras. Claro que o ministro ou o director, eventualmente, receberão uma maior porção, mas tudo isso pode ser feito de forma transparente. Por outro lado, temos de ter uma função pública que queira fazer carreira e que saiba que ser funcionário público é algo meritório, com concurso. Quem quiser ser rico que fique na iniciativa privada. Portanto, é necessária essa revolução cultural!

A política restritiva que vem sendo aplicada desde os anos 90 praticamente, não deu efeito nenhum! Essa política restritiva não conseguiu combater a inflação, não conseguiu combater a taxa de juro alta.

Quais deverão ser os grandes efeitos dessa renovação. Essa transição na liderança política nacional, que declara combater a corrupção, traz mais confiança ou não aos investidores?

A classe política deve ter força para exercer as suas políticas. Ou seja, tem de haver uma neutralidade absoluta quanto à classe privada e essa neutralidade da classe política é essencial para preservar um clima de concorrência. Quando a corrupção está vinculada nesses processos, a tendência é favorecer os amigos e isso cria uma classe de empresários privados desconfiada que não corre muitos riscos e que tenta, com o dinheiro que ganha, pôr logo lá fora ou aí onde os negócios sejam mais transparentes. Temos de mudar isso em África, criando um clima de concorrência e do mérito ao investimento e à inicia-

tiva privada.

Que prioridades o novo Governo deveria, desde já, elencar na sua agenda de trabalho?

Normalizar a balança de pagamentos do país é muito importante; uma taxa de câmbio flutuante, flexível e não uma taxa de câmbio fixa. O pior mal que temos hoje na economia é a discrepância entre a taxa de câmbio paralela e a oficial que permite o enriquecimento de pessoas oportunistas que estão a beneficiar-se da situação. É preciso voltarmos a unificar as taxas de câmbio e, para isso, temos de criar uma taxa de câmbio mais flexível. Por outro lado, temos de criar condições para que a taxa de juros baixe substancialmente e possa, desse modo, garantir crédito ao consumidor, que é essencial para suscitar o investimento. E temos ainda de defender a propriedade. Imagine que você tem um apartamento e que, por qualquer circunstância, está fechado. Entretanto, há um indivíduo que invade o seu apartamento e você não tem meios de o tirar de lá. Tem de ir ao tribunal que pode tomar um a dois anos a resolver o assunto. Como é que você quer que haja investimento imobiliário numa situação dessa? Por isso é que defendo que se deve proteger a propriedade. A concessão de terrenos não pode ser feita como tem sido realizado. Ou seja, atribuir um número de hectares a uma pessoa que não tem capacidade para investir. Uma concessão de terreno devia ser inicialmente provisória e dar, por exemplo, seis meses para se tornar definitivo e para isso a pessoa deveria vedar a sua propriedade. Portanto, isso tem de ser tudo regularizado, as pessoas devem saber com o que contam e os papéis que o Governo emite devem ser credíveis e devem transmitir confiança às pessoas. O capitalismo, quando funciona dentro de normas bem definidas – e isso só vemos o que se passou nos países capitalistas desenvolvidos – protege tanto a propriedade privada como os trabalhadores. Temos de criar um capitalismo angolano, no qual a classe trabalhadora se sinta contente. Falo bastante disso no meu livro.

Falemos um pouco sobre a política monetária adoptada pelo BNA. Como é que encara um cenário de desvalorização do kwanza?

Na minha opinião, numa fase inicial,

nosso caso, foi uma recessão terrível e tremenda. É necessário, a nosso ver, rever isso, porque, quando não identificamos um problema, significa que não estamos na boa via para resolvê-lo. E isso implica que se revejam os métodos de contabilidade nacional.

Quer dizer então que as contas nacionais têm sido mal elaboradas?

Sim, senhor! A contabilidade nacional não deu conta da recessão. E a recessão foi tremenda. Não é possível que o poder de compra da população tenha baixado e o valor da produção não. Isto é impossível. São duas faces da mesma moeda. E, portanto, o facto de a contabilidade nacional não ter detectado esse fenómeno é prova, em minha modesta opinião, que a contabilidade nacional carece de uma grande reforma, de uma grande revisão para modernizá-la de tal maneira que ela dê uma fotografia correcta e lúcida da realidade.

Essa obra que vai agora lançar apresenta alguma solução específica para este problema que apresenta, rela-

Entrevista

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 5

o kwana desvalorizaria, sem dúvidas! E, segundo os cálculos que fiz, a taxa de câmbio encontraria um equilíbrio quando um dólar comprasse à volta de 280 kwanzas. Portanto, ia atingir um equilíbrio e as taxas de câmbio unificariam. Depois de encontrar o equilíbrio, a tendência era para revalorizar a nossa moeda. Porque um país muito atrasado economicamente tem uma possibilidade de crescimento maior do que um país já desenvolvido e a taxa de câmbio reflecte um bocado a produtividade.

Ou seja, se a taxa de produtividade aumentar, a nossa moeda tende a valorizar. Quando se quer ter uma moeda fixa, o resultado daí prove-niente é diferente, porque, em primeiro lugar, surgem duas taxas de câmbio, a oficial e a do paralelo. A experiência mostra que os países com taxas de câmbio flutuante têm mais estabilidade cambial que os países com taxa de câmbio fixa.

E que avaliação faz sobre a política restritiva do Banco Central. Será a mais adequada numa altura em que se coloca a necessidade de se alavancar os investimentos?

A política restritiva vem sendo aplicada desde os anos 90 praticamente. Não deu efeito nenhum! Claro que não devemos considerar o período da guerra. Devemos olhar para as coisas depois de 2002, com o alcance da paz. Mas, depois de 2004, já se passaram quantos anos? Mais de 10 anos e, portanto, já podíamos ter resultados. A verdade é que essa política restritiva não conseguiu combater a inflação, não conseguiu combater a taxa de juro alta e eu diria que a política monetária restritiva é perversa. Ela actua para reprimir os excessos de emissão bancária e do crédito dos bancos que causam inflação quando a função principal dela deveria ser prevenir estes acontecimentos. É como o chefe que manda prender no fim da tarde os ladrões e que deixa sair da cadeia de manhã. Isso é um bocado o que se passa com a política monetária restritiva. Ela devia ter regras para impedir que os bancos de depósitos tivessem este excesso de negócio que provoca a inflação.

A inflação mantém-se acima da meta do Governo. Ainda é possível a meta dos 15?

Devemos deixar a economia funcionar normalmente sem uma repressão



Mário Miljães © A.E.

PERFIL

José Cerqueira nasceu em 1954, em Caculo Cabaça, Kwanza-Norte. Em Dezembro de 1960, passou a viver em Portugal, onde frequentou a escolaridade primária e secundária. Foi igualmente em Portugal onde concluiu a sua licenciatura em Economia, pela Faculdade de Economia do Porto, em 1976, ano em que passa a residir em Luanda. Em 1981, obtém uma bolsa de estudo que lhe permite obter o mestrado na Universidade de Bourgogne (França).

Em 1987 torna-se, durante um ano, o principal economista do primeiro programa angolano de reformas económicas, o SEF (Programa de Saneamento Económico). Em 1992 retoma investigações científicas que lhe permitem obter em 1994 o título de Doutor de Estado (Docteur d'État), na Universidade de Bourgogne, obtendo a menção mais alta praticada em universidades francesas. Em 2015, foi nomeado vice-governador de Luanda, para a área económica, cargo que exerce actualmente.

da inflação como a que existe. Vamos deixar que a moeda circule normalmente para depois termos uma política monetária estabilizada. O que existe é que temos vindo a reprimir a inflação e nunca chegámos à estabilidade monetária. Se calhar, devíamos deixar que a inflação suba e chegue, por exemplo, a 50% ou mais, mas de tal maneira que só aconteça durante umas semanas ou uns meses até a moeda encontrar um equilíbrio para que, depois disso, os preços evoluam a 1% ou 2% ao ano, que é o normal numa economia capitalista. Da mesma maneira que temos de passar por uma fase de depreciação cambial, temos de passar por uma fase de inflação.

Diante da actual conjuntura, que apreciação faz sobre o papel da banca perante o empresariado e as famílias?

As taxas de juro são muito elevadas, o crédito restrito. Portanto, era preciso mudar, era preciso haver mais crédito e taxas de juros mais baixas. Mas o principal problema é que os bancos têm liberdade a mais no nosso país. As pessoas puseram lá os seus dólares e depois quando querem não há. Significa que eles utilizaram em benefício próprio. Os dólares não desaparecem. Em segundo lugar, muitos bancos, senão todos, estão com crédito malparado. Financiou-se muito o investimento, com depósitos da

população, sem que se tenha pedido autorização. Isso não pode funcionar assim. Aliás, isso só funciona assim em países que o sistema bancário tem liberdade a mais. Você vai aos Estados Unidos, à África do Sul, o banco não pode emprestar o seu depósito para investimento sem a sua autorização. Tem de se criar uma separação entre bancos de depósitos e bancos de investimento. Os bancos de depósitos não devem ser autorizados a fazer aplicações em investimentos a longo prazo. Só os bancos de investimentos e estes só poderão fazer isso com a autorização das pessoas que lhes emprestam os depósitos.

Em relação à tributação, a AGT tem adoptado uma postura algo 'agressiva' na cobrança de impostos, com muita contestação por parte, sobretudo, do empresariado.

Temos de acabar com a austeridade. E como se faz isso? Há várias maneiras, mas a principal é dizer que o dinheiro dos impostos deve ser tido a 100% para financiar despesas correntes como os salários dos funcionários ou as matérias-primas que o Governo utiliza. O investimento público, porém, deve ser financiado a 100% com recurso ao mercado financeiro, para que o dinheiro dos impostos possa ser todo aplicado nas despesas correntes. Portanto, temos de criar estas condições, e isso não

é algo demorado. É uma questão de semanas ou meses se calhar, para que o investimento público seja financiado com recurso aos mercados financeiros, como se faz nos países capitalistas desenvolvidos.

Por outro lado, penso que a actuação da AGT não é muito positiva, ao andar atrás dos empresários a cobrar impostos. Não estou a dizer que são maus funcionários, até porque eles obedecem a ordens. Mas temos de aliviar a carga fiscal e tentar todos os anos baixar os impostos. As taxas de impostos em Angola arruinam o empresariado, arruinam a população e os põe ainda mais pobres.

Entretanto, os empresários que pagam os impostos têm de ajudar o Governo para que haja mais gente a pagar mais impostos. À medida que as pessoas vão pagando impostos, as taxas baixam.

O Governo não está preocupado com mais gente a pagar impostos para ter mais receitas, não é isso! É para criar um clima de igualdade. África tem de ser um continente de impostos baixos, porque a população é pobre e nessa condição não pode pagar muitos impostos. Portanto, de forma, eu diria o salazarismo, inconscientemente, persiste ainda na mente de alguns economistas influentes no nosso país. O que era o salazarismo nesse domínio? Era carregar os impostos para que fossem mais elevados.

Acha que o paradigma da diversificação tem de ser repensado?

É um processo que não é rápido, vai demorar. As questões fundamentais, a este nível, tem que ver primeiro com a industrialização. E como se faz isso? Têm de existir as condições básicas. Ou seja, tem de haver o fornecimento de água potável, electricidade. Tem de ser feito um grande esforço a este nível, mas não temos vindo a aproveitar adequadamente os nossos recursos energéticos. Angola tem gás, tem petróleo e logo tem de produzir mais electricidade com recurso ao gás e ao petróleo e não ter a ideia que toda a electricidade vem das barragens. Temos de ter também uma excelente escola de engenheiros de tal maneira que sejam os jovens com aptidão que possam lá ir, sejam pobres ou ricos e não termos um sistema em que você para estudar tem de pagar, mesmo que seja um brilhante estudante. O objectivo está bem apontado, mas o Governo deve ser o maestro e não o actor. A iniciativa privada tem de fazer as suas escolhas.



Somos todos nós



SOMOS PELA INFORMAÇÃO ISENTA.

Na TPA estamos todos de acordo: é preciso falar claro para entender a actualidade nacional e formar opinião. Por isso, o programa de análise e debate da TPA tem um novo rosto e formato. Assista ao painel de jornalistas experientes que comentam os principais temas da semana, liderados por **Adalberto Lourenço**.

Todas as sextas-feiras depois do Telejornal, em directo na [tpa](#).

Reposição às segundas-feiras à 01h.

FALAR
CLARO

Economia/Política

PERCURSO DA NOVA FAMÍLIA PRESIDENCIAL

Cidade Alta à espera de João Lourenço

PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Depois de uma ‘travessia no deserto’, João Lourenço é empossado no cargo de Presidente da República nesta terça-feira. Nas linhas que se seguem, o perfil do homem que se propõe moldar os destinos do país nos próximos cinco anos.

Por António Miguel

Angola testemunha, amanhã, a chegada ao poder do segundo Presidente da República eleito por sufrágio universal, e o terceiro desde a Independência.

Além de substituir José Eduardo dos Santos, que esteve 38 anos no poder, João Lourenço faz ainda história por ter chegado ao mais alto cargo do Estado angolano 13 anos depois de publicamente ter manifestado esse desejo.

Em 2001, José Eduardo dos Santos anunciou a intenção de abandonar o cargo de Presidente da República, lançando o desafio de substituição aos seus camarada do partido. Três anos depois, João Lourenço, secretário-geral do

MPLA, enfatizou que dos Santos era um homem de palavra, mostrando-se disponível para substituí-lo como novo chefe de Estado.

Não se sabe ao certo se decorrente dessas declarações, o facto é que Lourenço conheceu o que vários analistas, na altura consideraram de ostracismo político, durante o qual viu o seu chefe candidatar-se, de bom grado, a mais duas eleições.

Depois de, pela primeira vez, ter conseguido ser eleito, José Eduardo dos Santos decide abdicar do poder, abrindo portas para o único político no MPLA que manifestou o desejo de substituir o sucessor de Agostinho Neto.

MEMORIZE

- **Praticou futebol não-profissional e os mais chegados conhecem-no também como um aficionado de karaté. Fala inglês, russo e espanhol.**

Em 2014, João Lourenço recebeu publicamente o primeiro sinal de que viria a assumir os destinos do país, quando foi ‘resgatado’ do Parlamento, onde esteve 11 anos como primeiro vice-presidente, para ministro da Defesa. Nessa altura, nem mesmo os analistas e observadores mais atentos poderiam vislumbrar as reais intenções de José Eduardo dos Santos, não fosse a incerteza e confusão política uma das armas e artifícios que usou com mestria durante o seu consulado.

Dois anos depois, aquele que se apresta a ocupar a Cidade Alta foi apresentado como vice-presidente do MPLA e candidato pelo partido a Presidente da República. Estavam, assim, dissipadas as dúvidas e lançado o desafio ao partido governante e à sociedade.

Amanhã, na Praça da República, João Lourenço fará o juramento e receberá do presidente do Tribunal Supremo os símbolos que o tornarão no novo chefe de Estado, o zénite de uma carreira política que começou em 1974, quando ingressou na intrincada luta de libertação nacional a partir do antigo Zaíre.

PERFIL DO NOVO PR

General da reforma, João Lourenço foi ministro da Defesa entre 2014 e 2017. Durante 11 anos, exerceu funções de primeiro vice-presidente da Assembleia Nacional pelo seu partido, cujo Comité Central integra desde 1985. É ainda vice de José Eduardo dos Santos no



Mário Mujica © AE

ANA DIAS LOURENÇO

Uma primeira-dama ‘tecnocrata’

Ana Dias Lourenço frequentou o Palácio da Cidade Alta durante vários anos para encontros de trabalho. A partir de amanhã, será a dona de casa da residência na Colina de São Miguel.

A esposa de João Lourenço nasceu em Luanda a 13 de Abril de 1957 e formou-se em Economia pela Universidade Agostinho Neto. Fez formação complementar em gestão de projectos, análise e avaliação de pro-

jectos. Também superou-se em de gestão de políticas macro-económicas, pelo Instituto de Desenvolvimento Económico do Banco Mundial (BM).

Do seu percurso profissional destacam-se os cargos de monitora da Faculdade de Economia da Universidade de Angola, chefe do departamento de Investimentos do Ministério do Planeamento, técnica superior responsável pelos programas de desen-

volvimento da província de Benguela, directora nacional e coordenadora dos projectos de reabilitação de Infra-estruturas financiados pelo Banco Mundial.

Entre 1997 e 1999, foi vice-ministra do Planeamento, ministra do mesmo pelouro entre 1999 e 2012, e presidente do Conselho de Ministros da SADC, em 2002-2003. Fruto dessas funções, gozava já de um raro prestígio regional

e internacional, condição que reforçou com a sua nomeação, entre 2014 e o ano passado, para directora executiva no Conselho de Administração do Banco Mundial. Nessa função, era o primeiro ponto de contacto entre a instituição e Angola, África do Sul e Nigéria. “A minha experiência nos últimos quatro anos sobre este Conselho tem sido verdadeiramente inspiradora e bastante estimulante. Saio com boas memórias de uma instituição com grandes talentos que trabalham arduamente em todo o mundo para cumprir o seu duplo objectivo, que é

o de acabar com a pobreza extrema e aumentar a prosperidade partilhada de forma sustentável”, disse, durante uma cerimónia de despedida na sede do banco, em Washington.

A sua actuação profissional incide, principalmente, sobre programação de investimentos, preparação, avaliação e acompanhamento de projectos do Programa de Investimentos Públicos. É ainda versada em análise macroeconómica, preparação, gestão e acompanhamento dos programas de cooperação com o sistema da ONU, UE, Banco Mundial, entre outros.

2017

JLO chega a Presidente da República, com a vitória do MPLA nas eleições desse ano, garantindo cinco anos no comando dos destinos de Angola.

11

Anos, período em que JLO esteve na Assembleia Nacional, como vice-presidente.

13

Anos, JLO chega a PR mais de uma década, após ter manifestado intenção pela primeira vez.

63

Anos, a idade do novo PR

MPLA desde o ano passado.

Casado com Ana Dias Lourenço e pai de seis filhos, João Lourenço nasceu a 5 de Março de 1954 na cidade do Lobito, em Benguela, filho de Sequeira João Lourenço, enfermeiro natural de Malanje, e de Josefa Gonçalves Cipriano Lourenço, uma costureira natural do Namibe, ambos já falecidos.

Viveu no Bié, onde fez o ensino primário e secundário. Segundo o MPLA, a sua família viveu em residência vigiada durante 10 anos, após ter estado de 1958 a 1960 na prisão de São Paulo, em Luanda, por actividades políticas clandestinas, enquanto enfermeiro do Porto do Lobito.

Em Luanda, estudou na emblemática Escola Industrial de Luanda e Instituto Industrial de Luanda. Em 1974, junta-se à causa da luta de libertação nacional, tendo feito a sua primeira instrução político-militar no Centro de Instrução Revolucionária (CIR) Kalunga.

Integrou o primeiro grupo de combatentes do MPLA, que entraram em território nacional via Miconge, em direcção à Cabinda, após a queda do regime colonial português.

Após a independência, fez formação em artilharia pesada e foi comissário político em diversos escalões, desde pelotão, companhia, batalhão, brigada. Entre 1977/78, foi comissário político da Segunda Região Político-Militar em Cabinda.

Em 1978, parte para a União Soviética, onde, para além da formação militar, obteve o título de Mestre em Ciências Históricas, na Academia Político-Militar V.I. Lénine. De 1982 a 1983, participou nas operações militares no centro do país, Kwanza-Sul, Huambo e Bié, com posto de comando no Huambo.

De 1983 a 1986, foi designado comissário provincial do Moxico e presidente do Conselho Militar Regional da 3.ª Região Político-Militar. Em 1986, o Presidente da República indigita-o para as funções de primeiro secretário do comité provincial do MPLA e de comissário provincial de Benguela. Permanece nesse papel até 1989. Nessa altura, o mundo começava a testemunhar a derrocada do



império soviético e da sua ideologia comunista, que tinham sido preponderantes na formação política de João Lourenço e todos os seus camaradas de topo.

Entre 1989 e 1990, o discreto e pouco falante João Lourenço chefiou a Direcção Política Nacional das extintas FAPLA, cargo a partir do qual ascendeu a general. De 1991 a 1998, foi secretário do

Bureau Político para a Informação e, cumulativamente, por um curto período, secretário do Bureau Político para a Esfera Económica e Social. Liderou também a bancada parlamentar do maioritário.

Praticou futebol não-profissional e os mais chegados conhecem-no também como um aficionado de karaté. Fala inglês, russo e espanhol.

POSSE

Cerimónia sem Oposição

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, foi convidado a assistir à cerimónia de posse do presidente eleito de Angola, o general João Lourenço, que decorrerá no próximo dia 26, em Luanda. O convite foi feito pelo presidente em funções, José Eduardo dos Santos, e entregue pelo representante permanente de Angola junto das Nações Unidas, em Nova Iorque, o embaixador Ismael Martins.

O presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e ex-presidente da comissão europeia, Durão Barroso, estão também entre as personalidades estrangeiras de relevância política convidadas a assistir à cerimónia. Ao lado do chefe de Estado português, estarão igualmente os mais altos representantes de Espanha e do Brasil.

Até ao fecho desta edição, as autoridades não haviam divulgado a lista oficial de convidados estrangeiros, mas sabe-se que a Praça da República deverá receber cerca de mil convidados, entre os quais representantes de todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). A nível interno, a oposição já anunciou que estará ausente.



Economia/Política

ALERTA VEIO DA UNIÃO EUROPEIA

Depois de negar, Angola investiga ovos contaminados

SEGURANÇA ALIMENTAR. Produtores nacionais rebatem dúvidas das autoridades e esclarecem que Angola nunca deixou de importar ovos, e em grandes quantidades. Lamentam as condições em que têm de operar, mas apontam soluções para se manterem no mercado sem prejudicar o bolso dos consumidores.

Por José Zangui e César Silveira

Depois de garantir à União Europeia que ovos contaminados não haviam entrado em Angola, o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (Minader) recuou e anunciou, na semana passada, a abertura de um inquérito junto dos importadores para apurar se houve ou não importação desse produto.

A mudança resultou de várias reacções, sobretudo de produtores e da Associação Nacional dos Avicultores de Angola (ANAVI), que desconfiaram da possibilidade de o produto em causa ter entrado no país.

Ao VALOR, vários produtores reafirmaram que, apesar de ter capacidade instalada para atender o consumo interno, o país nunca deixou de trazer ovos de fora. Rui Santos, presidente da ANAVI, contabiliza que Angola continua a importar entre 45% e 50% do produto consumido.

“Não há nada a esconder. Angola continua a importar ovos, apesar da definição de uma quota. Há ovos a entrar com licenças falsas”, denunciou, por sua vez, Elisabeth Dias dos Santos, administradora da fazenda Kikuxi,

a maior produtora nacional de ovos.

Recentemente, a União Europeia comunicou a Luanda que Angola se encontrava entre os 19 países que receberam ovos contaminados com ‘fipronil’, um insecticida tóxico. Segundo Bruxelas, a sede comunitária, a contaminação partiu da Bélgica e da Holanda.

Em 2015, as autoridades nacionais queimaram várias quantidades de ovos por supostamente terem entrado no país de forma ilegal e sem qualquer certificação sanitária. No mesmo ano, o Governo decretou uma quota máxima de importação de produtos da cesta básica, sendo que, para ovos, estabelecia 156 milhões de unidades, números passíveis de revisão todos os anos em função da capacidade interna.

O chefe do departamento da Sanidade Animal dos Serviços de Veterinária do Minader, Norberto Pinto, admite apenas a importação de “ovos férteis”, situação que, garante, não constitui “qualquer perigo para a saúde humana”, mesmo em caso de contaminação.

Segundo o responsável, os produtores usam ovos férteis para a incubação e reposição, mas assegura que, mesmo em caso de contaminação durante o processo, a mesma não chegaria ao mercado de consumo. Isto porque, de acordo com o também médico veterinário, “haveria morte embrionária”.

Neste sentido, Norberto Pinto informou que, embora Bruxelas tivesse notificado as autoridades nacionais, não foram conduzidas quaisquer investigações. Como sublinhou, só mais tarde, face à repercussão da situação, o Minader decidiu-se pela abertura de um inquérito junto dos importadores de ovos e frangos.

ASSOCIAÇÃO DE “BAJULADORES”

Apesar de ser a maior produtora de ovos do país, a Fazenda Kikuxi está de fora da ANAVI. Elisabeth dos Santos, sua administradora, disse ao VALOR que a decisão é pessoal, porque entende que a Associação é dirigida por “bajuladores” que, em vez de defenderem a produção interna, permitem a importação de ovos. “Os produtores nacionais, grandes e pequenos, conseguem atender o mercado nacional. Entretanto, temos uma associação de bajuladores que não sabem o que defendem. A ANAVI não defende políticas transparentes”, critica.

MEMORIZE

● Em 2015, as autoridades nacionais queimaram várias quantidades de ovos por supostamente terem entrado no país de forma ilegal e sem qualquer certificação sanitária.



Marcos Nhunga, ministro da Agricultura cessante

DADOS DE FEVEREIRO

Nº DE PRODUTORES DE OVOS	
Total nacional	118
Luanda	59
PRODUÇÃO ACTUAL	2 milhões/ dia
CAPACIDADE INSTALADA	4 milhões / dia
IMPORTAÇÃO	50%
CONSUMO MÉDIO DE OVO	Abaixo da média internacional.
Em Angola	1 quilo de ovos por ano
Em África	2,2 quilos
Média mundial	8,6 quilos

45% DO VALOR JUSTO

Elisabeth dos Santos defende, por outro lado, que 100 kwanzas seria o preço justo e que faria do negócio lucrativo, mas reconhece que os consumidores teriam mais dificuldade de acesso ao produto.

Actualmente, os produtores de ovo vendem, em média, a unidade a 45 kwanzas, cerca de 45% do preço real, considerando o alto custo das matérias-primas.

“O ovo é um dos produtos mais acessíveis ao público e nunca deverá ser caro. Aqui reside a questão, pois precisamos de baixar os custos das matérias-primas para continuar a garantir que seja acessível”.

Na avaliação da empresária, as produtoras têm estado a fazer vários exercícios para manter o produto acessível, mas a manutenção das dificuldades pode levar ao colapso de muitas unidades e do próprio sector. “Temos planos

de contingências mas devemos reavaliar esta situação”, considera, notando que uma solução passaria por ultrapassar o problema das matérias-primas.

Ao exemplificar os “elevados custos de produção”, Elisabeth dos Santos referiu que uma galinha custa, em média, o equivalente a 14 dólares até fornecer ovos, além das despesas com a energia eléctrica e a ração. “Se fizermos as contas, veremos que o ovo, a 45 kwanzas, significa que estamos a trabalhar mesmo sobre a linha da água”.

A gestora estima entre 20% e 30% as margens de lucro do negócio em períodos estáveis. “É um negócio rentável, mas neste momento não. Tudo o que tínhamos como lucro fica para os salários e a matéria-prima.”

Apesar disso, a empresa continua a operar no pico máximo da sua produção e com o mesmo número de colaboradores. Uma realidade que, segundo a gestora, se deve a “condições favoráveis” criadas pelas autoridades. “Os Ministérios da Agricultura e da Economia, com o programa ‘Feito em Angola’, criaram uma série de sinergias positivas que nos permitem falar com um entusiasmo muito maior que o sector das pescas”.

A Classiovo é uma empresa integrada no pólo industrial ‘A Pérola do Kikuxi’, com uma capacidade de produção de um milhão de ovos por dia. A Aldeia Nova, no Kuanza-Sul, as estações da Granja Santa Maria, a Socopraves e as fazendas Mato Grosso figuram também entre os principais produtores de ovo no país.

A PROVÍNCIA DO ZAIRE CONTINUA a registar aumento de infracções de contrabando de combustível, tendo sido detectados, nos últimos sete dias, oito casos, informou fonte policial, citado pela Angop.



O INSTITUTO DE DEFESA do Consumidor (INAD-DEC) promete, doravante, intensificar as acções de inspecção nos estabelecimentos comerciais com a entrada em vigor do livro de reclamações que passa a ser de uso obrigatório.



INE ACTUALIZA DADOS

Preços subiram 1,17% em Agosto

INFLAÇÃO. Preços dos produtos nacionais subiram em Agosto, mas a inflação registou uma ligeira queda comparativamente ao mês de Julho. Dados constam do Índice de Preços Grossista (IPG), divulgado pelo INE.

Por José Zangui

Os preços dos produtos nacionais aumentaram em 1,17%, durante o mês de Agosto de 2017, comparados aos preços do mês de Julho, sendo a secção agricultura produção animal, caça e silvicultura a que maior aumento

registou com 1,19%, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE).

Os produtos que tiveram maior variação de preços neste grupo foram a laranja com 4,61%, mandioca com 3,75%, tomate com 3,57%, manga com 3,46%, mamão com 2,78%, abacaxi com 1,93%, feijão manteiga com 1,74%, leite fresco com 1,63%, batata rena com 1,37% e o pimento com 1,01%. A variação acumulada dos produtos nacionais de Janeiro a Agosto de 2017 foi de 10,00 %.

Entretanto, segundo refere o documento do INE, o Índice de Preços Grossista (IPG) registou uma variação mensal, no período de Julho a Agosto de 2017, de 1,16%, cerca de 0,03 pontos percentuais abaixo do registado no período anterior.

No período em análise, a contribuição dos produtos importados foi a que maior participação teve, na inflação global, com 0,92 pontos percentuais, ou seja, 79%, enquanto a contribuição dos produtos nacionais foi de 0,25 pontos percentuais o que corresponde a 21% do valor da inflação global.

Os produtos que mais contribuíram foram, nomeadamente, a carne de porco e o frango congelado com 0,08 pontos percentuais cada um; o açúcar e o leite em pó com 0,06 pontos percentuais cada



um; o arroz branco agulha com 0,04 pontos percentuais; a farinha de trigo, o cimento e o carapau congelado, com 0,03 pontos percentuais cada um; o óleo de soja, o detergente em pó, o azulajo e a bolacha água e sal, com

0,02 pontos percentuais cada um.

Em termos comparativos, o INE concluiu que a variação homóloga do mês de Agosto de 2016 é de 20,16%, registando uma diminuição de 2,92 pontos percentuais.

PUB



PÓS-GRADUAÇÃO



LISBON
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Co-organização

aSan Associação
Seguradoras
Angola

Apoio Institucional

ARSEG
AGÊNCIA ANGOLANA DE REGULAÇÃO
E SUPERVISÃO DE SEGUROS

ACTUARIADO E GESTÃO DE RISCOS

ESTRUTURA DO PROGRAMA

MÓDULO	DURAÇÃO	DOCENTE
CÁLCULO FINANCEIRO	25 H	Henda da Silva
PROBABILIDADES E ESTATÍSTICA	40 H	Onofre Simões
MATEMÁTICAS ACTUARIAIS	40 H	Henda da Silva
MERCADOS E INVESTIMENTOS FINANCEIROS	40 H	João Duque
MODELOS DE RISCO	40 H	Lourdes Centeno
FUNDOS DE PENSÕES	40 H	Ivan Ernandes
MODELOS DE SOLVÊNCIA	25 H	Hugo Borginho
PROVISÕES PARA SINISTROS	40 H	Agnieszka Bergel
TARIFAÇÃO A PRIORIE A POSTERIORI	25 H	Alfredo E. Reis
INFORMÁTICA PARA ACTUARIADO	25 H	António Palma dos Reis

DURAÇÃO TOTAL DO PROGRAMA | 340 horas



Início:
2 Outubro
2017



Horário:
Laboral (manhãs)



Duração:
340 horas



Preço:
AOA 2.500.000 (Associados ASAN)
AOA 3.000.000 (Não Associados ASAN)

CANDIDATURAS

As candidaturas devem ser enviadas por e-mail até ao dia 22 de Setembro de 2017 para o Director Executivo da ASAN (jose.araujo@asan.co.ao).
As Admissões serão confirmadas após a análise curricular dos candidatos.

RUA DO QUELHAS, 6, 1200-781 LISBOA | PORTUGAL
213 925 800 / 213 922 839
WWW.ISEG.ULISBOA.PT

Secretariado
secretaria@idefe.pt
Tel: +351 21 392 5889

31/PMBD2017/1

Economia/Política



Lei proíbe estrangeiros em vários segmentos do sector florestal.

Manuel Tomás © VE

TRANSPORTE ILEGAL DE MADEIRA

Mais de 3 mil metros cúbicos apreendidos

INFRACÇÃO. Apesar do decreto que proíbe o transporte de madeira em toro desde 2016, continuam a ser apreendidos camiões que circulam à margem da lei. Só este mês, até ao dia 22, foram apreendidos 31 camiões.

Por Isabel Dinis

O Ministério da Agricultura, através do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), apreendeu, durante a campanha florestal de 2016 e a vigente, 3.120 metros cúbicos de madeira em toro, transportados de forma ilegal. Uma parcela de 2.500 metros cúbicos foi apreendida durante a campanha do ano passado, que se prolongou desde Maio de 2016 a Janeiro deste ano, ao passo que a outra, de 620, foi apreendida na campanha deste ano.

Ao VALOR, o director Nacional de Florestas, Domingos Nazaré Veloso, declarou que a maioria da madeira foi apreendida nas províncias mais “problemáticas”, no caso, o Kuando-Kubango, Lunda-Sul e Moxico, e espera que as apreensões deste ano sejam inferiores às de 2016.

Este mês, o IDF já apreendeu 31 cargas transportadas de forma inapropriada, mas os camionistas alegaram, à imprensa, desconhecimento das normas de transportação da madeira em toro, exaradas no decreto executivo conjunto, de Abril de 2016, dos Ministérios da Agricultura, Transportes e do Interior.

O director Nacional de Florestas considera, no entanto, que o desconhecimento das regras não é “desculpa suficiente, visto que a lei teve um ano de moratória para que os operadores se familiarizassem com as normas”. Veloso reforçou que foram feitas reuniões com as associações do ramo, visitas às províncias de exploração e uma conferência nacional sobre florestas, realizada em Junho, para que a mensagem chegasse aos operadores. “Não faz sentido haver alegação de desconhecimento da lei e das medidas. Levámos um ano para tal”, insistiu.

As autoridades proibiram, a contar deste ano, a exploração e circulação de madeira em toro, obrigando à primeira transformação na província

de abate, com a justificação do controlo da actividade e da necessidade de se potenciar a criação de emprego no ramo florestal.

ESTRANGEIROS DEVEM ALIAR-SE A NACIONAIS

A direcção Nacional de Florestas garante que cidadãos chineses, vietnamitas e outros estrangeiros já não exploram a madeira directamente a partir das florestas, contrariando vídeos e fotos divulgados nos últimos tempos nas redes sociais, dando conta da prática.

A Lei de Bases e Florestas veta a estrangeiros a obtenção de licenças, contratos de exploração de madeira e a intervenção directa na floresta. No corte, nas operações com motosserras, camiões e tractores os estrangeiros também não são permitidos actuar. “Essas actividades devem ser exclusivas e da responsabilidade de angolanos. É uma forma de se criar emprego e dar emprego aos jovens angolanos”, justifica Domingos Nazaré Veloso.

Os estrangeiros associados a angolanos são permitidos apenas a trabalhar na gestão logística, na serração e comercialização, nas operações e na gestão de projectos. Os que ainda circulam com camiões carregados de madeiras ou os que se arriscam a entrar na floresta estão a fazê-lo à margem da lei, avisa Veloso.

SEMINÁRIO DUROU CINCO DIAS

Índia capacita empresários angolanos

O Instituto de Comércio Internacional da Índia (Indian Institute of Foreign Trade) promoveu, de 19 a 23 de Setembro, um seminário de capacitação sobre comércio internacional destinado a empresários nacionais.

De acordo com o embaixador da Índia em Angola, Sushil Singhal, ao VALOR, a formação visou aprofundar conhecimentos dos empresários para aquilo que hoje são os desafios do comércio internacional.

Sushil Singhal esclareceu que a formação é parte de um pacote que a Índia oferece aos países africanos. O diplomata considera que Angola e a Índia podem ser “complementares”, garantindo que os empresários angolanos têm as portas abertas para investir no seu país. No sentido inverso, o país asiático já tem investimentos em Angola nas áreas da agricultura, maquinarias, produtos farmacêuticos, têxteis e energia renováveis, estando, segundo o diplomata, aberto para alargar nos sectores que Angola considerar prioritários.

Depois do fórum de negócios realizado em Julho, os dois países continuam a discutir, por via diplomática, as áreas em que a Índia pode apoiar Angola.

Para já, a linha de crédito de 10 mil milhões de dólares da Índia para países africanos para cinco anos aguarda projectos viáveis de empresários angolanos, por isso, Sushil

Singhal exortou a classe empresarial angolana a fazer bom proveito desta oportunidade.

PARCEIROS DE LONGA DATA

Entre Angola e a Índia existe um acordo de cooperação nos domínios da economia, técnica, ciência e cultura, rubricado em Outubro de 1986. Na África subsariana, Angola está entre os maiores fornecedores de petróleo à Índia, embora tenha registado uma queda nas trocas comerciais, no segundo semestre deste ano, de cerca de sete milhões de dólares, devido à redução do preço do petróleo. A Nigéria é o principal fornecedor.

Durante cinco dias de formação, com direito a certificado com validade internacional, os mais de 50 empresários tiveram contactos com temas como: gestão de mercado e risco, projectos de parcerias público-privadas, identificação internacional de mercados, estratégia de mercado internacional, gestão de risco cambial, entre outros.

O presidente do conselho de administração da Agência para a Promoção de Investimento e Exportação (APIEX), disse, em declarações ao VALOR que os temas foram baseados num diagnóstico nacional. Belarmino Van-Dúnem indicou que o seminário trouxe especialistas e espera que as formações ocorram duas vezes ao ano.

Por José Zangui

Embaixador da Índia e o PCA da APIEX (à direita)



Manuel Tomás © VE

A INSPECÇÃO GERAL DO ESTADO (IGAE) vai arquivar todas as inspecções realizadas entre 1 de Janeiro de 2013 e 30 de Agosto deste ano, segundo um despacho de 15 de Setembro, assinado pelo Inspector-geral do Estado, Joaquim Mande.



A OPEPE OUTROS GRANDES produtores estão a considerar várias opções antes de se reunirem em Novembro próximo, inclusive a possibilidade de que a actual redução na oferta da matéria-prima seja mantida até o fim de 2018.



DEPOIS DE CONGELADOS OS CENTROS COMUNITÁRIOS

Minjud planeia construir hospedarias da juventude

INVESTIMENTO PÚBLICO. Projecto deve arrancar no quarto trimestre de 2018 e destina-se a jovens estudantes de até 35 anos. Hospedarias surgem após cancelamento dos centros comunitários da juventude pelo Ministério do Planeamento.

Por António Miguel

O Ministério da Juventude e Desportos (Minjud) planeia a construção de hospedarias nas seis regiões académicas do país, destinadas, sobretudo, a estudantes em trânsito de uma província para outra, avançou ao VALOR fonte conhecedora do projecto.

Denominado ‘pousadas da juventude’ e estando em fase de estudo, o projecto deve arrancar no último trimestre de 2018, embora não esteja ainda orçamentado. “Imagine um grupo de 50 estudantes que queiram sair de Cabinda para o Cunene em actividades académicas. Se tiver uma pousada da juventude, não precisará de muito dinheiro para alojamento como se estivesse num hotel ou numa hospedaria normal”, explica a fonte, detalhando que as pousadas serão destinadas a jovens de até 35 anos.

O plano de construção das pousadas, cuja gestão deverá ser submetida à decisão dos governos provinciais, surge após o congelamento do projecto de construção de centros comunitários da juventude, por decisão do Ministério do Planeamento e do Desenvolvimento Territorial.

Afecto ao Minjud, o projecto dos centros comunitários da juventude foi cancelado há dois anos, decisão justificada pelo Planeamento com a crise económica e financeira instalada no país desde a segunda metade de 2014.

Inscritos no Programa de Investimentos Públicos do Minjud, os centros comunitários já consumiram 1,7 mil milhões de kwanzas (cerca de 10,3 milhões de dólares) aplicados na concretização de 10 unidades, espalhadas por Luanda, Huíla, Moxico, Cunene, Kuando-Kubango e Uíge. No entanto, apenas alguns destes centros se encontram em funcionamento.

Aquando do cancelamento do projecto, pelo menos, seis centros encontravam-se em fase de conclusão. Trata-se de duas empreitadas no Bengo, uma em Luanda, uma no Kuando-Kubango e duas em Malanje. Cada uma das obras paralisadas está orçada em 22 milhões de kwanzas (cerca de 132,5 mil dólares), fixando-se num valor global na ordem dos 132 milhões de kwanzas (795,4 mil dólares).

O projecto, engavetado pelo pelouro do ministro Job Graça, prevê a edificação de centros comunitários em todos os municípios do país (mais de 170). “Entendemos que o país enfrenta uma crise financeira, mas seria bom que o Ministério do Planeamento enquadrasse já no próximo OGE/2018 o nosso projecto para, pelo menos, terminarmos as obras paralisadas”, deseja uma fonte



Hospedarias destinam-se, sobretudo, a jovens

MEMORIZE

● **Governo de Luanda ainda não construiu a sua Casa da Juventude, como orientado pelo Ministério da Juventude e Desportos. A Casa da Juventude de Viana, em Luanda, pertence a esse ministério, que quer a infra-estrutura em todas as capitais provinciais.**

1,7

Mil milhões de kwanzas foram já investidos na construção de 10 centros comunitários.

ligada ao Ministério da Juventude e Desportos.

Tal como se prevê com as pousadas, a gestão dos centros é da responsabilidade dos governos provinciais, que, por sua vez, os entregam às administrações municipais. “Os centros foram desenhados na óptica de criar e fomentar o auto emprego. Por exemplo, salão de beleza, barbearia e outros serviços que são de jovens locais empreendedores que usam o espaço como o seu lugar de rendimento. Nesses centros, também se administram cursos básicos profissionais”, explica outra fonte do Minjud que diferencia, de seguida, os centros das casas da juventude.

Enquanto os centros comunitários são construídos nos municípios, as Casas da Juventude devem ser construídas nas cidades capitais de cada província pelos respectivos governos. A única excepção é a Casa da Juventude de Viana,

cujas construções esteve a cargo do Minjud.

“No Ministério, desenvolvemos não só a orientação metodológica para o funcionamento das Casas, mas também os modelos ou plantas arquitetónicas. Mas as autoridades locais podem fazer as alterações em função da realidade local e do orçamento disponível. O que se quer é que todas as capitais provinciais tenham uma Casa da Juventude”, conclui a fonte.

Até ao momento, os governos de Benguela, Moxico, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Kuando-Kubango e Uíge já construíram as respectivas Casas da Juventude, perfazendo um total de seis concluídas. Recentemente, o Governo aprovou mais de 40 milhões de dólares para a construção da Casa da Juventude de Malanje, enquanto Luanda continua a aguardar. “O governo de Luanda ainda não construiu a sua Casa da Juventude. A de Viana pertence ao

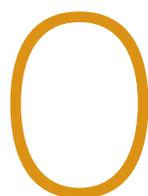
Mercado & Finanças

COM OS ESCASSOS 52,7 MILHÕES DE EUROS

BNA liberta valor mais baixo dos últimos 10 leilões de divisas

MERCADO CAMBIAL. Último leilão de moeda estrangeira do banco central colocou, no mercado cambial, a pior soma das últimas 10 semanas. O dinheiro vendido para cinco operações “prioritárias” é quase três vezes mais baixo do que a colocação da sessão anterior. A autoridade monetária não justifica a queda de 62%.

Por Nelson Rodrigues



Banco Nacional de Angola (BNA) vendeu, na semana de 11 a 15 de Setembro, apenas 52,7 milhões de

euros, a pior marca de colocação de divisas ao mercado de câmbio, quando comparada às anteriores saídas das últimas 10 sessões do rateio, de acordo com os vários relatórios do mercado monetário e cambial, disponíveis no site do organismo.

Compilados pelo VALOR, os 10 relatórios do mercado monetário e cambial não carregam as notas explicativas nem observações sobre a redução em mais de 60% do valor das divisas colocadas no último leilão, face à colocação da semana anterior, o período de 4 de Setembro a 8 de Setembro, que vendeu 138,6 milhões de euros.

Contando com o facto de que parte substancial das divisas que entram em Luanda têm origem na exportação de petróleo, a baixa disponibilização de divisas no mercado pode estar relacionada com a quebra de quase 6% na receita com a venda do ouro negro, dos anteriores 124.190 milhões de kwanzas para os actuais 116.899 milhões, no período entre Junho e Julho, de acordo com dados do Ministério das Finanças, a que o VALOR teve acesso (ver gráficos).

Aliás, é esta a justificação que o banco central e o Governo dão desde que iniciaram as vendas segmentadas. “As vendas direccionadas de divisas aos bancos, resultam da necessidade de o BNA assumir a responsa-



Mário Mujigas © AE

bilidade de intervenção no mercado, para satisfazer as operações definidas como prioritárias pelo executivo, num contexto de diminuição das disponibilidades cambiais [devido à baixa do preço do petróleo](...), explica o banco central, num relatório monetário e cambial.

Desde o início do segundo semestre, o banco central já colocou, por via dos leilões de preços, perto de

dois mil milhões de euros, precisamente 1.933,1 milhões, para operações diversas classificadas por “prioritárias” pelo regulador, devido à escassez de moeda estrangeira.

Do total já vendido, a maior parte foi libertada no leilão da semana de 31 de Julho a 4 de Agosto, com Valter Filipe a autorizar vendas perto dos 400 milhões de euros, exactamente 399,8 milhões, destinados a cobrir sete

operações prioritárias, desde cartas de créditos, com 52,6 milhões, operações com as companhias aéreas, com 32,3 milhões, e mais 27,7 milhões para o que se classificou “operações de diversos sectores”.

O maior valor vendido nas últimas 10 sessões cobriu ainda operações de cartões de crédito, com um encaixe de 10,5 milhões de euros, as reposições cambiais, com 9,6 milhões, além da cobertura de operações com o sector das telecomunicações e viagens, Saúde e Educação, a encaixar, no conjunto, 18 milhões.

CASAS DE CÂMBIO INCLUÍDAS

Do mesmo leilão, não faltaram vendas para as casas de câmbio, que, até há pouco menos de um ano, se queixavam de “exclusão” na lista das entidades elegíveis para os leilões do BNA. Aliás, as casas de câmbio constam da lista dos quase 20 sectores seleccio-

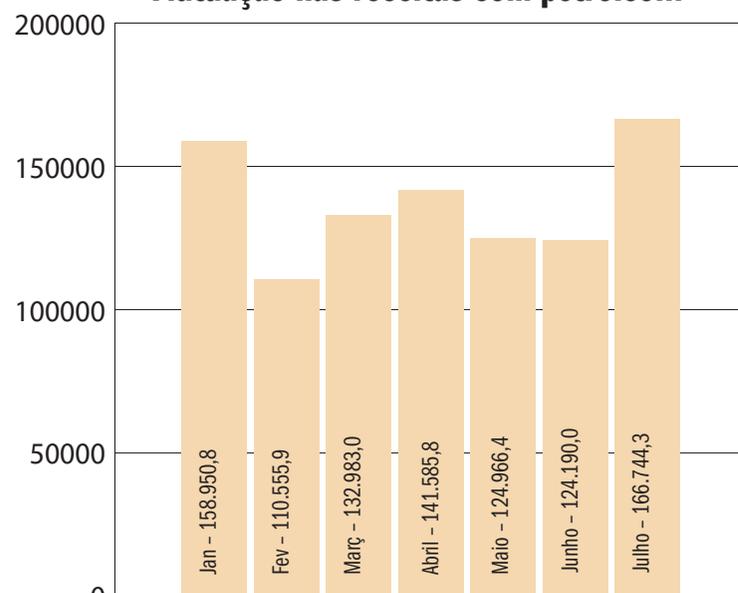
nados pelo regulador no grupo de prioridades.

O banco central elegeu as operações com a reposição cambial, mercadorias diversas, bens alimentares e prestação de serviço ao sector petrolífero como operações de carácter prioritário, num grupo que também entram o resseguro, telecomunicações, viagens, educação e ajudas familiares e operadoras de remessas.

As companhias aéreas, cartas de créditos, organismo do Estado, salários para expatriados, matérias-primas e os reembolsos com garantias do Estado, outros serviços diversos e operações com as casas de câmbio fecham a lista das prioridades.

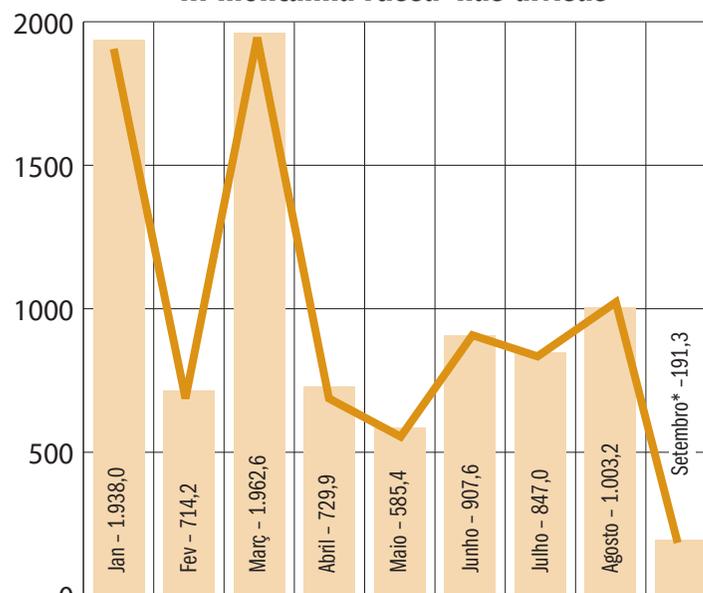
Desta última venda, as casas de câmbio participaram em cinco, absorvendo um total de divisas de 45,2 milhões de euros, vendas que recolocam o sector no mapa de rateio de divisas.

Flutuação nas receitas com petróleo...



Fonte: MINFIN
Unidade: milhões de kwanzas

...‘montanha russa’ nas divisas



Fonte: Mapa consolidados de divisas até à segunda semana de Setembro*
Unidade: milhões de euros



O STANDARD BANK de Angola lançou, no fim-da-semana passado, o CIB Graduate Program, uma iniciativa que visa atrair talentos e reter os melhores recém-licenciados do país, sobretudo na Universidade Agostinho Neto, Universidade Católica de Angola e Universidade Metodista.

Banco anunciou reestruturação de grande alcance, a partir do Brasil.



FONTES AVANÇAM NOVEMBRO COMO LIMITE

Banco do Brasil encerra representação em Angola

DESISTÊNCIA. Funcionários do escritório de representação em Luanda já começaram a rescindir os contratos dos imóveis que arrendavam na capital. Representante remete esclarecimentos à sede no Brasil.

Por Isabel Dinis

O Banco do Brasil (BB) vai encerrar, em Novembro próximo, o escritório de representação que mantém em Angola desde 2003, garantiram fontes contactadas pelo VALOR.

Sem especificar as razões, as fontes garantiram que os funcionários do escritório já estão de malas feitas para abandonar o país, sendo que alguns rescindiram já os contratos das moradias em que habitavam no Distrito Urbano de Talatona.

Entretanto, o representante do banco em Luanda, Ângelo Roncalli, disse desconhecer essa informação e remeteu o VALOR à sede da instituição, no Brasil, com a justificação de que não é sua função falar sobre assuntos desta natureza à imprensa.

Vários empresários brasileiros confirmaram a liquidação da representação já em Novembro, mas disseram desconhecer também as razões da medida.

Ao jornal 'Economia & Finanças', em 2013, Ângelo Roncalli havia declarado que o banco pretendia iniciar as suas operações em Angola "nos próximos anos", numa altura em que dava por completo o processo administrativo junto das autoridades nacionais. O gestor sublinhou que faltava apenas autorização do Banco Nacional de Angola, mas, até ao momento, nada se efectivou.

No mesmo período, Roncalli falou sobre a possibilidade de o Banco do Brasil se fundir com uma congénere angolana, na onda de fusões, outra possibilidade que, entretanto, não se efectivou.

Sem poder realizar operações creditícias, o banco ajudava empresários a exportar mercadorias para o Brasil e vice-versa, em colaboração com bancos em Angola.

Em 2012, o BB estabeleceu com

Angola operações financeiras que totalizaram 150 milhões de dólares.

EM REESTRUTURAÇÃO NO BRASIL

O Banco do Brasil anunciou, em Novembro do ano passado, um plano de reestruturação das suas operações no país de origem e a nível global. O processo incluía encerrar agências bancárias, ampliar o atendimento digital, lançar um plano de aposentadoria, e propor redução da jornada de trabalho dos funcionários.

Previa, também, encerrar 402 agências no Brasil e 31 superintendências regionais. Em Dezembro passado, o presidente do banco, Paulo Caffarelli, disse, num encontro com investidores e analistas no Brasil, que o banco estava a reduzir o tamanho das suas operações e a fechar "algumas agências no exterior" para o reforço do capital.

O banco está presente em 24 países, sendo Angola um de oito destinos com a representação mais modesta (apenas um escritório).

COM APENAS 35,24% DE PARTICIPAÇÃO NA BOLSA

BFA enfraquece 'hegemonia', mas conserva liderança na BODIVA

O Banco de Fomento Angola (BFA) deixou 'fugir' 42,01 pontos percentuais (pp) dos 75,25% de quota que detinha a nível do mercado dos valores mobiliários na Bolsa de Dívida e Valores de Angola (BODIVA), face a igual período anterior, de acordo o relatório e contas tornado público pelo organismo que intermedeia as transacções do mercado.

Apesar da redução da quota de mercado, o banco 'campeão' do sistema bancário nos lucros manteve a supremacia no 'ranking' dos bancos com maior presença no mercado, assim como foi o que mais valor movimentou no período de Janeiro a Dezembro do ano passado, com uma soma calculada em 128.989,3 milhões de kwanzas, mais 60,3% do que em 2015.

"Apesar de ter aumentado o montante negociado de 80 mil milhões de kwanzas para 128 mil milhões, a sua quota de mercado diminuiu de 77,25% para apenas 35,24% devido ao aumento expressivo do montante negociado pelos bancos Standard Bank, Ango-

lano de Investimento (BAI) e o Millennium Atlântico (BMA), que representaram, em 2016, 19,94%, 17,81% e 12,65%, respectivamente", justifica o relatório.

Para todos os 'players' do mercado, o total de montante negociado cifrou-se nos 365.980,3 milhões de kwanzas, representando um considerável salto de 251,4%, comparativamente às margens de 2015, cujo saldo final não foi além dos 104.137,3 milhões, precisamente 104.137.347.846.

No período em análise, participaram das operações da BODIVA 14 membros, 12 dos quais de negociação e liquidação e apenas dois de negociação. No que refere ao desempenho dos membros de negociação, dos 14 membros BODIVA, apenas oito contribuíram para o volume de negociação, nomeadamente o BFA, SBA, BAI, BMA, BIC, KEVE, BNI e o Banco Económico, com realce para os três primeiros, que, juntos, respondem por 73% do mercado.

Nelson Rodrigues



Mercado & Finanças

BOLETIM ESTATÍSTICO DO BNA, DEZEMBRO DE 2016

Crédito à Agricultura engorda 27%, mas perde para Comércio

FINANCIAMENTO. Dados actualizados do boletim estatístico do BNA colocam a agricultura no sétimo lugar dos sectores que mais absorveram crédito em 2016, com mais 27%, mas não supera o comércio a grosso e a retalho, que lidera a lista do crédito à economia, desde 2012. Analistas explicam a subida no crédito para a agricultura com “melhoria” nos projectos.

Por Nelson Rodrigues

Os bancos comerciais cederam, até 31 de Dezembro do ano passado, 219.157 milhões de kwanzas de empréstimos ao sector agrícola e de produção animal, um avanço de quase 27%, contra os 172.841 libertados em igual período anterior, revelam os números actualizados do boletim estatístico do Banco Nacional de Angola (BNA).

O montante libertado para a Agricultura coloca o sector mais próximo dos segmentos Particular, Construção, Outros Serviços Colectivos e da Indústria Transformadora, alinhados, respectivamente, pelo tamanho do crédito recebido, mas é ainda quase quatro vezes mais baixo do montante cedido ao Comércio a grosso e retalho, que ‘engoliu’ dos bancos os expressivos 840.654 milhões de kwanzas, num grupo de 18 sectores.

O boletim estatístico do banco central é omissivo quanto à justificação do salto de 27% para 219.157 milhões de kwanzas no crédito ao sector agrícola e de produção animal,

mas a tendência de evolução, de 2012 a 2016, leva analistas a argumentarem, ao VALOR, com a possibilidade de “melhorias” e “mudanças sazonais” na actuação e preparação dos projectos por parte dos investidores.

Até Dezembro de 2012, a classe ‘Agricultura, Produção Animal, Caça e Silvicultura’ tinha absorvido, da tesouraria dos bancos comerciais, 74.348 milhões de kwanzas. Este valor passou, no ano seguinte, a 81.512 milhões, marcando um pulo de quase 10%, precisamente 9,6%.

A tendência prossegue em 2014 e 2015, com 131.539 milhões e 172.841 milhões de kwanzas, respectivamente. Em Dezembro do ano passado, quando o banco central actualiza o boletim, o crédito ao sector fixou-se nos 219.157 milhões.

O consultor financeiro Galvão Branco lembra, por exemplo, que os bancos “não são instituições de doação de créditos”, o que exige ao empreendedor uma “melhor arrumação dos projectos, nos casos de o investidor se candidatar a empréstimos junto da banca.

“Os bancos orientam os seus créditos de acordo com o perfil de risco do projecto. Ou os bancos melhoraram os projectos, ou alguém estará a assegurar o risco destes créditos”, comenta Galvão Branco, para quem a agricultura e construção de infra-



Crédito à economia por sector de actividade/Dez-2016



Fonte: Boletim Estatístico BNA, 2016
Unidade: Milhões de kwanzas

-estruturas devem andar “à mesma velocidade”.

O sector da agricultura, é várias vezes apontado por economistas e analistas financeiros como o “futuro da economia angolana” e válvula de escape à excessiva dependência do petróleo, assim como a construção. Aliás, nos 10 grandes objecti-

vos nacionais de política económica do programa de governo do presidente eleito nas eleições de 23 de Agosto privilegia o investimento na agricultura.

Mas as políticas de alocação dos fundos sempre relegaram o sector agrícola para o mais baixo dos lugares na alocação de fundos públicos.

Até mesmo no Orçamento Geral do Estado (OGE) deste ano, a Agricultura absorve, por exemplo, 25.115,8 milhões de kwanzas, para programas de investimentos e de apoio ao desenvolvimento, além das despesas correntes, valor quase 12 vezes mais baixo que os fundos destinados à Construção, que fica com uma considerável fatia de 309.825,5 milhões.

MAIS SUBSÍDIOS À AGRICULTURA

Apesar de avançar 27%, outro analista, o investigador financeiro independente Ivan Negro considera que o sector carece ainda de “mais subsídios”, além do próprio financiamento que, na sua visão, deve aumentar.

“O sector carece de subsídios de modo a ajudar os agricultores a investirem na modernização das suas explorações e em novas culturas, fazendo crescer a agricultura nacional”, sugere o analista, que critica a inexistência de dados estatísticos internos que mostrem a eficácia e robustez dos projectos de investimentos.

“O investimento no sector agrícola e agro-alimentar têm estado em destaque na economia nacional, mas não existem dados estatísticos com robustez para medirmos a eficácia dos projectos e do valor do investimento”, sublinha.

Ao analisar o crescimento do crédito, considerou que o mesmo pode estar relacionado com uma “mudança sazonal” no paradigma de preparação dos projectos, assim como nas políticas de créditos dos bancos.

“Espero, sinceramente, que os bancos nacionais estejam a apostar no crescimento do sector, apostando no financiamento de projectos agrícolas, mas com soluções específicas para tesouraria, crédito ao investimento, linhas de crédito ligadas aos programas definidos pelo governo”, defendeu o investigador.



- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO



✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS



✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Empresas & Negócios

15 mil garrafas de 12 quilos já se encontram na posse dos clientes.



Manuel Tomás © VE

ENCHIMENTO E COMERCIALIZAÇÃO

Mercado de gás butano tem novo operador

CONCORRÊNCIA. Empresa existe desde 2014, mas apenas nas últimas semanas as garrafas começam a estar mais disponíveis.

Por César Silveira

As marcas Gas-tem, Saigas e Sonangol deixaram de disputar, apenas entre si, o mercado de enchimento de gás butano, como resultado da entrada de um novo operador, a Progas.

Apesar de ter lançado as primeiras garrafas no segundo semestre do ano passado, apenas nas últimas semanas a nova marca começou a ser conhecida pelos potenciais clientes, após a assinatura de um contrato com a Pumangol.

A parceria permite a comercialização do produto da Progas na rede de bombas de combustíveis da Pumangol. Uma estratégia que, segundo o director comercial da Progas, Manuel Augusto, se tem revelado “fundamental” para a conquista da confiança dos clientes.

36

Milhões de kwanzas, valor do investimento na infra-estrutura da empresa

“Temos de passar confiança ao consumidor de que não terá dificuldade em adquirir a recarga e esta parceria ajuda-nos, porque as pessoas percebem que, em qualquer posto de abastecimento da Pumangol, conseguem adquirir o gás”, explicou, insistindo que a “questão confiança” foi das principais dificuldades no início.

A unidade tem uma capacidade de enchimento de 10 garrafas por minuto e pode atingir até 60 toneladas por turno, trabalhando em velocidade cruzado. “Ou seja, dá uma média de cinco mil garrafas de 12 quilos e 500 garrafas de 51 quilos. Há esta discrepância, porque o enchimento das garrafas de 12 quilos é automatizado, ao

paso que as de 51 não é. Mas, a qualquer momento, pode ser automatizado, caso se justifique”.

Para 2017, o objectivo da empresa passa por comercializar até 600 toneladas de gás, perspectivando, para dentro de um ano, estar a operar no máximo da capacidade instalada. Metas que, para Manuel Augusto, serão alcançadas, sobretudo porque, além da comercialização do gás em garrafa, há também por canalização.

“Credenciamos-nos como entidade instaladora e temos, inclusive, um ramal para abastecer uma fábrica que está a cerca de três quilómetros. Aconteceram evoluções que nos levam a acreditar que podemos alcançar os objectivos”, assinalou.

Desde já, a concorrência não consta das preocupações da Progas que vê como “muito fortes” os operadores instalados. “Não vislumbramos, num futuro próximo, chegar, sequer, junto à Saigas. Queremos ocupar o nosso espaço”, refere Augusto.

A empresa investiu cerca de 36 milhões em infra-estruturas e iniciou a actividade com 30 mil garrafas de 12 quilos, 15 mil das quais já se encontram com os clientes.

Criada em 2014, por “razões burocráticas” apenas no segundo semestre de 2016 colocou as primeiras botijas, no mercado, em fase de testes.

AGRO-INDÚSTRIA

Pólo de Capanda já ‘vale’ 1,2 mil milhões USD

Os investimentos da Sociedade de Desenvolvimento do Pólo Agro-Industrial de Capanda (SODEPAC), em Malanje, já ultrapassaram os 1,217 mil milhões de dólares, revelou o presidente do conselho de administração, Carlos Fernandes, durante a assinatura de acordos de investimento com quatro novos parceiros.

As quatro empresas, (a Cimagro, a Odebrecht, a APB e a Sagia) assinaram contratos estimados em 310 milhões de dólares para intensificar e aumentar a produção de alimentos e vão explorar uma área de aproximadamente 35 mil hectares. O investimento permitirá uma produção anual de mais de quatro milhões de toneladas de produtos diversos, além de criar 566 novos empregos.

Em termos globais, até ao primeiro semestre de 2017, encontram-se instaladas naquele pólo 29 empresas, ocupando uma área total de 152.684,13 hectares, com uma projecção de produção anual de 5.322.671,00 toneladas de produtos diversos, além de 7.979,00 empregos directos, segundo Carlos Fernando.

O gestor que garante o objectivo estratégico passa por implantar, no pólo, um programa de desenvolvimento rural integrado, moderno, auto-sustentável e estruturante, conferindo uma atenção espe-

cial à empresa agrícola familiar e às comunidades rurais em geral.

Fernando solicitou a intervenção do Estado naquilo que considera os “factores-chave de sucesso”, nomeadamente os recursos financeiros e as infra-estruturas, sobretudo no ‘Plano de Abastecimento Hídrico e a Repotenciação da sub-Estação Eléctrica de Capanda’, sob pena de se colocar em risco os objectivos preconizados.

O secretário de Estado para o Sector Empresarial Agrícola, Carlos Alberto Jaime Secretário, garantiu, entretanto, o apoio do Governo à SODEPAC, no sentido de criar uma “facilidade de financiamento específica que propicie aos investidores o acesso a recursos financeiros em condições concessionais, com vista a aliviar os encargos com a desmatação, a construção de ramais rodoviários, de fornecimento de energia eléctrica e canais de adução de água para as áreas de produção agro-industrial”.

Criada em 2008 com o objectivo de dinamizar e gerir o Pólo Agro-industrial de Capanda, a SODEPAC adoptou um “Modelo de Desenvolvimento” baseado em premissas estruturantes, como estabelecimento de “cadeias produtivas”, sob a liderança de “empresas Âncora” com recurso a “tecnologias sustentáveis” para agricultura tropical, de modo a potenciar a “competitividade” dos respectivos projectos de forma a viabilizar económica e financeiramente as cadeias produtivas.



Carlos Fernandes, PCA da SODEPAC

A EMPRESA Endiama Mining e os seus associados vão aplicar cerca de 7,4 milhões de dólares para a prospecção e avaliação de depósitos de diamantes na Lunda-Sul, anunciou fonte da empresa, citada pela Angop.



A ANGOLA LNG e a Glencore Energy UK Limited, com sede em Londres, assinaram um acordo plurianual de vendas de gás, anunciou, em comunicado, o consórcio industrial angolano.



O mercado de viaturas teve uma redução de 56%, em 2016.

EM CAUSA, DIFICULDADES DE IMPORTAÇÃO

Ruptura de stock à vista na concessionária VAUCO

AUTOMÓVEIS. Situação poderá agravar os resultados operacionais no negócio de veículos. Em 2016, quebra foi 49%, face ao exercício anterior.

Por Valdimiro Dias

A VAUCO, concessionária detida pelo grupo Teixeira Duarte Angola (TDA), está em vias de uma ruptura de stock, avançou fonte próxima da empresa ao VALOR, antecipando o agravamento dos resultados do negócio.

A iminente ruptura do stock de viaturas para a comercialização terá sido precipitada pelo agravamento das dificuldades de importação, situação que tem provocado quebras na facturação nos últimos três anos e que pode levar a despedimentos nos próximos tempos, segundo a mesma fonte.

Contactada, a concessionária não comentou a informação, justificando-se com a ausência do seu director-geral, que se encontra em gozo de férias.

No ranking de 2016, publicado pela Associação dos Concessionários de Equipamentos de Transportes Rodoviários (ACE-TRO), a TDA, com as marcas Nissan, Renault, Peugeot, Honda e Mahindra, ocupa o sétimo lugar em vendas, num total de 444 viaturas; enquanto a VAUCO, com as marcas Chevrolet e Isuzu, vendeu 375 veículos, posicionando-se na oitava posição.

MEMORIZE

- Na comercialização de viaturas ligeiras pelo grupo TDA, esta tendência foi mais acentuada, tendo reduzido em 70% o seu volume de vendas.

84,6

Milhões de Euros totais de facturação da TDA no negócio de comercialização de viaturas

Ainda no ano passado, o volume de negócios, na rubrica de venda de viaturas da TDA diminuiu 49%, face ao exercício de 2015, com uma quebra acentuada na venda de viaturas ligeiras e pesadas, mas mantendo níveis de actividade razoável na área de assistência e pós-venda. No período, a facturação foi de 86,4 milhões de euros contra os 169,3 milhões de euros de 2015.

Em termos gerais, o mercado angolano de viaturas, e mais especificamente o segmento de ligeiros, teve uma redução de 56%, passando de 18.630 unidades vendidas em 2015 para apenas 8.189 viaturas comercializadas em 2016. Na comercialização de viaturas ligeiras pelo grupo TDA, esta tendência foi mais acentuada, tendo reduzido em 70% o seu volume de vendas.

PUB

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...

PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola

A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sonangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interesse Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'favoráveis' a Angola. Pág. 14

EM CAUSA A CRISE DE DIVISAS
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwanza

A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) é a autora de uma proposta que deve ser submetida ao governo brasileiro no sentido de acertar com as autoridades angolanas, para que o real seja aceite em Angola e o kwanza no Brasil. Pág. 10

CATIVACÃO DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE

À entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo manteve-se abaixo do preço fiscal inscrito no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das explicações para a indisponibilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Págs. 10-11

Luanda com seis novas centrais eléctricas

Empresa de Produção de Electricidade - PRODEL - adquiriu seis centrais da norte-americana General Electric, no valor de 300 milhões de dólares, que preveem abastecer mais de 600 mil residências em Luanda. Pág. 18

Descarregue a App

Assinaturas:
 assinaturas@gem.co.ao
 comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA
 Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792
 Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

(In)formalizando

BUROCRACIA E POUCA DIVULGAÇÃO

Agências de microcrédito perdem para kinguilas

MICROFINANÇAS. Depois de anos a liderarem a preferência na compra e venda de divisas, as kinguilas tornam-se na primeira opção de trabalhadores, para fazer face à incapacidade de gerir os salários.

Por César Silveira

A incapacidade de grande parte dos empregadores reajustar os salários ao ritmo da desvalorização do kwanza e, conseqüentemente, da inflação dos últimos anos expõe os trabalhadores maiores dificuldades para gerir o que ganham.

Como recurso, cada vez mais, os trabalhadores procuram pelo microcrédito. Um cenário que se apresenta favorável a bons negócios para as instituições que se dedicam à microfinança. Actualmente, existem 40 no país, 34 das quais em Luanda.

No entanto, estas também não têm sido a solução para muitos dos trabalhadores, que preferem recorrer ao mercado informal e negociar com as kinguilas devido à burocracia das agências. As kinguilas, por sua vez, aproveitam-se da realidade para solucionar

a dificuldade de manter o negócio de compra e venda de cambiais, devido à escassez de divisas.

“Se não fosse este negócio, já estaríamos em casa porque o dólar está difícil. Praticamente, nós agora estamos mesmo a fazer este negócio de emprestar dinheiro” explica uma kinguila.

O negócio, na verdade, não é totalmente novo entre as kinguilas que, entretanto, sempre deram primazia à venda e à compra de cambiais.

Agora que prestam mais atenção ao negócio, consideram ser “muito bom” e todas, segundo apurou o VE, vão criando condições para ter o maior número de clientes, visto ser a confiança o factor determinante.

“O problema é que não se pode emprestar o dinheiro a qualquer pessoa, tem de se conhecer para não se perder o dinheiro. Então vamos falando com os nossos clientes confiados para nos arranjar em outros. Com o dólar não é necessário, pode-se vender ou comprar sem conhecer a pessoa”, conta Maria de Jesus.

O VE constatou que 50, 100 e ou 150 mil kwanzas estão entre



Angola tem 40 instituições de microfinanças

40

Agências de microcrédito existem no país, 34 das quais em Luanda

2

Milhões de kwanzas, valor máximo que as kinguilas declararam poder emprestar a clientes.

os valores mais solicitados pelos clientes. Mas há kinguilas em condições de disponibilizar somas superiores a um milhão de kwanzas, o valor máximo previsto por lei para o microcrédito.

“Se alguém precisar agora de dois milhões, posso emprestar, mas nunca ninguém solicitou este valor. O máximo que já emprestei foram 800 mil kwanzas”, acrescenta Maria de Jesus. Segundo esta kinguila, por norma, quando emprestam valores muito elevados aceitam negociar o tradicional prazo de reembolso que é de um mês. “Depois do prazo, os clientes podem atrasar mais uma semana, é normal porque sabemos, que muitas vezes, os salários atrasam, o importante é avisar”, explica.

Por norma, cobram entre 20% e 50% de juros em um mês e, quase sempre, não assinam nada, ou seja ficam pelo acordo verbal. Esta facilidade, de resto, é o principal segredo do sucesso do negócio e elas sabem disso.

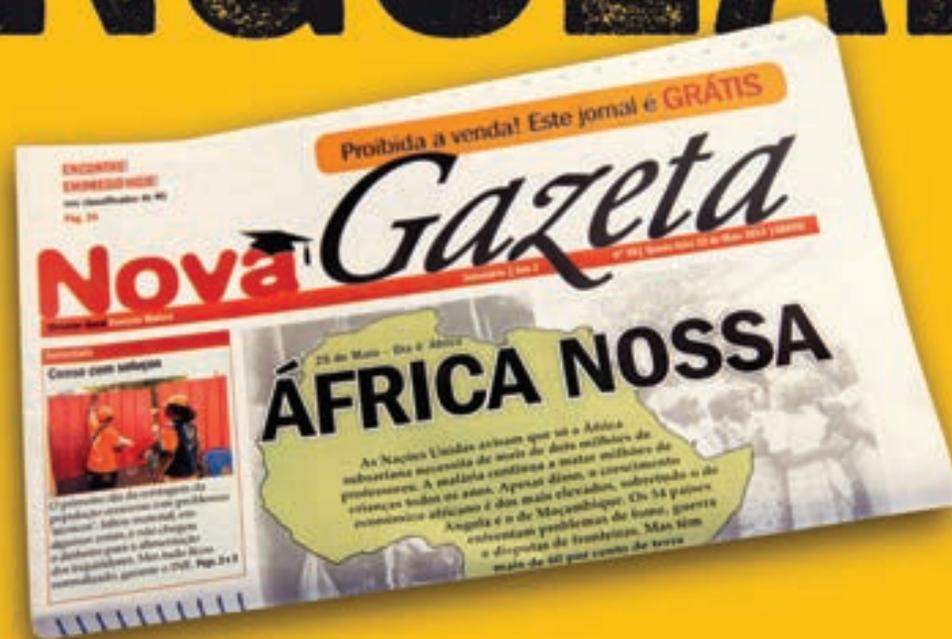
“É assim [fácil], porque as

peças já vêm aqui. Nos bancos, pedem muitos documentos, então já não podemos exigir muito. O segredo é mesmo conhecer as pessoas”, argumenta. A explicação é apoiada pelo depoimento de alguns clientes. Argumentam, por exemplo, tratar-se de mera teoria o discurso das agências de microcrédito, segundo o qual não existe burocracia.

“Se compararmos aos bancos, é verdade não têm burocracia, mas não é desta forma que as coisas devem ser vistas, mas sim olhando para as voltas ou documento que o cliente terá de tratar”, defende Paulo Coelho, que assume fazer, muitas vezes, recurso ao serviço de crédito das kinguilas.

Outra realidade que concorre para que o mercado informal vá ganhando força é a quase ausência de publicidade do mercado formal, visto serem muitos os potenciais clientes que desconhecem a existência de agências a prestarem o referido serviço, como o afirmaram vários técnicos de algumas instituições de microcrédito.

100.000 BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA.



EM TODAS AS PROVÍNCIAS.

Agora, o jornal que você não dispensa para estar bem informado vai estar nas mãos de muitos mais angolanos. O Nova Gazeta tem **cem mil exemplares, todas as quintas-feiras**. Para chegar com força a todas as províncias. Com a imparcialidade, as notícias, a crítica e a actualidade que fazem falta.

www.novagazeta.co.ao

100 MIL. SEM CUSTO.

DE JURE



Novos 220 deputados eleitos fazem juramento no dia 28.

Mário Magães ©VE

SERÁ TAMBÉM ELEITO O NOVO PRESIDENTE DO ÓRGÃO

Novos deputados à Assembleia Nacional tomam posse

IV LEGISLATURA. Após tomada de assento e do acto de juramento dos novos parlamentares, abertura solene da IV legislatura, prevista para o próximo dia 15 de Outubro, deverá ser a próxima actividade da 'Casa das Leis'.

Por António Nogueira

A reunião constitutiva da IV legislatura do Parlamento, para o período 2017/2022, acontece a 28 deste mês, devendo ser marcada pela tomada de assento e juramento dos deputados eleitos, informou, na passada quarta-feira, o porta-voz da reunião da Comissão Permanente da Assembleia Nacional, Raul Lima.

A cerimónia será igualmente marcada pela eleição do presidente e dos vice-presidentes da Assembleia Nacional (AN), bem como os secretários de mesa, seguindo-se o discurso do presidente eleito do Parlamento, sinalizando, deste modo, a abertura da IV legislatura 2017/2022.

Durante a reunião da Comissão Permanente da Assembleia Nacional, o então presidente do órgão, Fernando da Piedade Dias dos Santos, desejou que o próximo mandato "produza" um Parlamento cada vez mais forte e respeitado.

O líder parlamentar expressou este desejo na abertura da reunião, que visou a preparação da sessão constitutiva que marcará o início

MEMORIZE

● **A Comissão Permanente** é um órgão da Assembleia Nacional coordenado pelo presidente do Parlamento, que funciona fora do período de funcionamento efectivo entre o fim de uma legislatura e o início da nova.

da IV legislatura, resultante das eleições gerais realizadas a 23 de Agosto de 2017.

Na ocasião, Dias dos Santos agradeceu aos deputados que deixam de fazer parte da 'Casa das Leis' no próximo mandato, ao mesmo

tempo que felicitou os que entram, esperando deles maior empenho e dedicação às tarefas legislativas.

O líder parlamentar lembrou que o Parlamento é o local ideal para o diálogo sobre os grandes problemas da Nação, buscando os consensos que são possíveis alcançar com o amadurecimento dos deputados e o exercício da democracia.

Neste sentido, ressaltou a experiência adquirida pelos deputados e funcionários da AN nos últimos cinco anos.

A reunião apreciou e aprovou também a proposta do programa de integração institucional dos deputados, assim como a acta da reunião da Comissão Permanente da AN, realizada a 5 de Setembro de 2016.

A próxima legislatura, cuja sessão solene de abertura deverá ocorrer a 15 de Outubro próximo, vai contar com 150 deputados do MPLA, 51 de UNITA, 16 da CASA-CE, dois do PRS e apenas um da FNLA, num total de 220 parlamentares.

A Comissão Permanente é um órgão da Assembleia Nacional coordenado pelo presidente do Parlamento, que funciona fora do período de funcionamento efectivo entre o fim de uma legislatura e o início da nova. É integrada pelo vice-presidente da Assembleia Nacional, presidentes dos Grupos Parlamentares, presidentes das comissões de trabalho, presidente do conselho de administração e deputados na proporção de assentos.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

Gestão



DÁRDANO SANTOS, CEO DA MENTORA, SPEAKER E FORMADOR

“Todos temos um DNA de liderança”

ENTREVISTA. A caminho de mais uma edição da Move Angola, conferência internacional de liderança que já acontece desde 2015, Dárdano Santos, CEO da empresa Mentora, fala dos preparativos do evento, previsto para o próximo dia 21 de Outubro, e revela o ADN que caracteriza os ‘líderes’ angolanos. Para já, o conferencista considera que existem bons líderes empresariais em Angola.

Por Isabel Dinis

O que a Mentora pretende, de facto, com a realização deste ciclo de conferências sobre liderança?

A Move Angola surge fruto de um desejo que tínhamos de servir o país e colocar África no centro do mundo, relativamente a temas de liderança e gestão. Normalmente, sempre que, em África, queremos ir a conferências de liderança temos de viajar. Era preciso ter um

evento que se tornasse grande com o passar dos anos, e que fosse uma referência não só para atrair investimento, posicionamento de marca, mas, acima de tudo, para impulsionar o continente e o mundo.

Então, o objectivo é fazer com que os angolanos tenham cá o que vão buscar lá fora?

O Objectivo não é só esse. Temos também, como objectivo, que os angolanos percebam que temos potencial para fazer mais e melhor, muitas vezes, do que se faz lá fora.

Há uma espécie de ‘febre’ de conferências e palestras de motivação e liderança, em Angola. Porque será? Podemos ser empreendedores a partir

de duas premissas que são pela crise e pelos tempos normais da vida. Ou seja, quando há equilíbrio no mercado. O mais importante é que as pessoas empreendam. Mas isso é pouco aquilo que já se passou no resto do mundo. Cada vez mais há explosão de eventos motivacionais, de liderança. Isso é bom e saudável. O que vai acontecer é que o tempo vai peneirar e só vão permanecer os eventos que tenham sustentabilidade.

É um caminho a percorrer alheio à crise económica?

É um caminho que iríamos percorrer independentemente do que possa ter ocorrido com a economia mundial, não só a angolana. É um caminho do empreendedorismo, assente na diver-

sificação da economia. É normal o que está a acontecer. Cada vez, há mais empreendedores, micro-empresas, micronegócios, cursos de empreendedorismo. Isso é bom para a economia e para o país. A partir daqui, o caminho vai fazer com que os que tenham sustentabilidade fiquem e perdurem e sejam marcas de referência.

Sente que o público-alvo tem sabido tirar proveito dessas conferências?

O nosso público-alvo é Angola e os angolanos. Dos oito aos 88 anos. O tirar proveito é um processo. Todos estamos a aprender que esses eventos são importantes. O nosso público, cada vez mais, está sensível e predisposto a estar nos eventos.

O que as pessoas podem esperar desta terceira edição da conferência sobre liderança?

Nesses anos todos, temos tido um tema. Este ano, o tema é o ‘Eleva-te’, que está associado às áreas de desenvolvimento pessoal, com a assinatura de descobrir a melhor versão de ti próprio. As pessoas vão encontrar excelentes oradores, que têm sido o nosso apanágio desde 2015. Vão encontrar cinco temas. O Big Nelo, no dia 20 de Outubro, vai falar sobre responsabilidade social e educacional. No dia 21, vão encontrar-me a falar sobre liderança; o Marco Patrício, que vai falar sobre inteligência emocional; o Mário Rui Boto, a falar sobre ‘lifestyle’, e a Sara Batalha, que é uma perita em comunicação e media training.

Quantas pessoas espera ter nesse evento?

Os números não são o mais importante nos eventos. Mais do que os números é o impacto do evento. Se fôssemos pelo número da primeira edição, não tínhamos chegado à terceira. Por vezes, faz-se esse tipo de eventos a pensar em números. Faz-se a primeira edição e nunca mais se faz outras. Não nos podemos mover pelos números. Para essa edição, esperamos ter perto de 900 pessoas. Temos 10 marcas que vão activar marca como parceiros, temos patrocinadores e um espaço dedicado à activação de marcas.

Qual é o orçamento para esse evento?

O nosso orçamento anda perto dos 15 milhões de kwanzas. Mas, felizmente, com o que contamos dos parceiros, dos patrocinadores e com a receita dos ingressos, vamos pagar tudo o que nos comprometemos pagar. Aproveito,

aliás, dar uma dica aos empreendedores: não podemos fazer os eventos a pensar nos lucros. Os eventos, numa primeira fase, têm de ser feitos para posicionar uma marca e a cultura de pensamento. Acreditamos que, nessa ou na próxima edição, vamos ter algum lucro.

Mas quem entra nesse ramo espera obter lucro. É um bom negócio?

Nós não fazemos isso por negócio. Para quem quer entrar ou já está nessa dinâmica em que o único foco seja o dinheiro, vai chegar um dia em que vai desistir. Porque não vão ter dinheiro para fazer o que os move.

Qual é o seu conceito de liderança empresarial?

Eu não consigo segmentar a liderança. Para mim, a liderança é um universo, em que encontramos a pública e a privada. Há pessoas que nasceram para liderar de forma pública, que implica cargos políticos e de outra natureza. Uma dona de casa é tão importante quanto qualquer outro líder. Se todos olharmos para nós como líderes, teremos um mundo melhor. Por isso não vejo apenas na vertente empresarial.

Todos nascem líderes. É isso?

Sim. Seja líder empresarial ou não, todos temos o ADN da liderança. Isso não significa que todos, no futuro, vamos ter cargos, mas entendermos que todos podemos tornar o nosso mundo melhor. Entendermos que temos de ser ‘special one’ naquilo que fazemos. A essência da liderança é servir, é tornar as pessoas melhores do que o líder. Como diz um dramaturgo inglês: “os líderes são os gigantes que transportam as pessoas sobre os ombros e fazem com que essas pessoas possam ver mais longe”.

Como vê a liderança dentro das organizações empresariais que operam actualmente em Angola?

Vejo de forma positiva. Sou um acérrimo defensor do meu país, das empresas e dos nossos líderes. Já chega que o mundo de fora olhe de uma forma distorcida. Às vezes, é muito fácil criticar os líderes. Quem critica, muitas vezes, é porque nunca foi um líder.

Está satisfeito com os nossos líderes?

Estou muito satisfeito. Conheço muitos deles. Conheço o mundo empresarial do nosso país e devemos tirar o chapéu ao trabalho árduo que os líderes fazem todos os dias em acreditar no capital humano angolano.

O caminho de Jean-Claude Juncker para o desastre europeu



Hans-Werner Sinn

A proposta de Juncker em ampliar o espaço Schengen para o Oriente é similarmente equivocada e parece ignorar as lições da história recente.

Este mês, o presidente da Comissão Europeia pediu uma aceleração da expansão do euro na zona leste. Todavia, este plano poderá recriar as condições que alimentaram, apenas alguns anos atrás, a crise da UE decorrente do sul da Europa.

Um grupo de caminhantes perdeu-se no caminho. Querem chegar a um castelo, a uma distância de uma colina, mas o caminho que estão a tomar parece ir numa direcção diferente, e o único conselho do seu líder é: apressem-se.

Actualmente, a zona euro encontra-se na mesma situação que aqueles caminhantes. Ficou cada vez mais claro que estabelecer o euro era o caminho errado a seguir. A moeda única causou uma bolha de crédito inflacionária no sul da Europa. Quando a bolha rebentou, a competitividade da região foi destruída e a Europa do

Norte foi instada a fornecer grandes garantias de empréstimos, crédito público e transferências. Estas medidas sustentaram os preços relativos errados que resultaram da bolha, e encobriram o problema de base.

Enquanto isto, o Acordo de Schengen, que eliminou a maioria dos controlos nas fronteiras entre os Estados membros da União Europeia, facilitou, nos últimos anos, a capacidade dos imigrantes das zonas mais pobres da Ásia e da África de se juntarem rumo aos Estados-Providência do Norte da Europa.

Em resposta a estes acontecimentos, o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, aproveitou este mês o seu discurso no Estado da União para pedir que mais países se juntem à zona euro e ao espaço Schengen. Juncker é o guia carismático, mas confuso, que está a desviar o nosso grupo metafórico de caminhantes.

Todos os Estados membros não pertencentes à UE, excepto a Dinamarca, já estão legalmente obrigados a trabalhar para a adopção do euro, ao satisfazer vários “critérios de convergência”. Mas Juncker, obviamente, quer acelerar este processo, flexibilizando os critérios de adesão à zona euro e fornecendo incentivos financeiros para a entrada de novos membros.

Dados os problemas passados da zona euro, esta é uma proposta extremamente perigosa. Se concretizada, provavelmente alimentaria o mesmo tipo de sobreaquecimento destrutivo que vimos no sul da Europa. Na verdade, famílias búlgaras, croatas e romenas já foram sobrecarregadas com dívidas excessivas em moedas estrangeiras - principalmente euros - em antecipação à adesão com a união monetária, o que criou dificuldades financeiras substanciais.

Claro, é compreensível que os bancos ocidentais que imprudentemente estenderam os empréstimos em euros a esses países, agora queiram dar-lhes impressoras de euros. Dessa forma, os países devedores podem tranquilizar os seus credores e reembolsar, se necessário, os seus empréstimos com dinheiro auto-impresso, conforme os



países do Sul da Europa fizeram na última década.

Prover a Bulgária, a Croácia e a Roménia com impressoras de euros nacionais, manteria o fluxo de crédito privado e permitiria que os empréstimos em moeda estrangeira fossem prolongados. No entanto, tanto crédito artificialmente barato também prejudicaria as pensões do estado, os salários dos funcionários públicos e as transferências sociais. E isto, por sua vez, levaria ao sobreaquecimento dos mercados imobiliários e ao aumento dos salários internos, prejudicando assim a competitividade internacional.

Geralmente, um país que se encontre em tal posição desvalorizaria urgentemente a sua moeda. Mas, como a adesão ao euro exclui essa opção, os países do Norte da Europa, financeiramente sólidos,

seriam mais uma vez chamados a ajudar com garantias de empréstimos e transferências financeiras do Banco Central Europeu, ao mesmo tempo que tolerariam o auto-atendimento dos sócios da eurozona recém-chegados com a tal impressora.

Em suma, o plano de Juncker para acelerar a adesão à zona euro ameaça recriar o caos da última década, que começou com uma bolha no sul da Europa e culminou com a crise da dívida soberana grega.

A proposta de Juncker em ampliar o espaço Schengen para o Oriente é similarmente equivocada e parece ignorar as lições da história recente. A onda incontrolável de imigração em 2015 mostrou que a Europa possui poucos controlos nas fronteiras internas e externas. Juncker pode gostar de pensar que a imigração diminuiu desde então, devido ao acordo alcan-

çado da EU com a Turquia no início de 2016. Porém, dados da autoridade europeia para o controlo de fronteiras, a Frontex, indicam que os fluxos migratórios estagnaram quando um muro foi erguido na Macedónia, a pedido da Áustria e dos países Visegrád (República Checa, Hungria, Polónia e Eslováquia).

Além disso, o muro da fronteira húngaro-sérvia e os controlos sempre apertados da Hungria na sua fronteira com a Roménia contribuíram também para a estabilidade europeia. Contudo, os imigrantes estão agora a atravessar o Mar Negro da Turquia para a Bulgária, e podem chegar a números ainda maiores se as negociações de adesão da Turquia à EU forem adiadadas. Como resultado, o resto da UE deve-se opor a qualquer tentativa de eliminar os controlos existentes nas fronteiras, que é exactamente o que aconteceria se a Bulgária e a Roménia fossem incluídas no espaço Schengen.

Pode-se perguntar qual a direcção das propostas de Juncker. Com certeza, a Comissão Europeia não pode negligenciar os interesses das instituições financeiras em Paris, Luxemburgo e Frankfurt. Ninguém quer os empréstimos indesejados concedidos aos países da Europa Oriental para alimentar outra crise bancária.

Mas, o resultado de Juncker em impor a sua vontade seria ainda mais grave. Uma bolha inflacionária na Europa Oriental, juntamente com o desmantelamento dos controlos nas fronteiras, poderia desestabilizar toda a UE e criar uma nova onda de imigrantes económicos rumo à Europa Central. É hora do guia da Europa ser razoável, consultar uma bússola e retomar o caminho.

Hans-Werner Sinn, professor de Economia e Finanças Públicas da Universidade de Munique; foi presidente do Ifo Institute for Economic Research e exerce funções no Conselho Consultivo do Ministério da Economia Alemã. É o autor, do mais recente, A armadilha do Euro: sobre o Estoiro de Bolhas, Orçamentos e Crenças.

Internacional



EM OUTUBRO

Londres proíbe táxis Uber

A agência de transportes públicos de Londres anunciou, no dia 22, que não irá renovar a licença de operações da Uber, a multinacional de serviços de táxis que em tempo recorde se instalou em vários países de todos os continentes, noticiou a CNN. As autoridades londrinas declararam que a empresa norte-americana não está “apta nem à altura” de continuar a operar na cidade.

A confirmar-se, a suspensão representaria um grande revés para o negócio da companhia norte-americana, numa das maiores cidades do planeta. A actual licença expira já no próximo dia 30 de Setembro.

A Transportes para Londres, a agência reguladora dos serviços na capital britânica, referiu-se à atitude da Uber na denúncia de ofensas graves e o facto de o seu software ter sido concebido de uma forma que impede as autoridades de monitorarem o uso do aplicativo.

O presidente da câmara de Londres, Sadiq Khan, disse apoiar “completamente” a medida. “Todas as companhias em Londres devem obedecer as regras e pautar pelos mais elevados níveis de comportamento”, referiu o responsável em comunicado, citado pela CNN. Entretanto, a Uber anunciou logo de imediato que irá recorrer da decisão.

NEGOCIAÇÃO COM PARCEIROS VISAM NOVOS ACORDOS

‘Brexit’ sem impacto nas relações com África Austral

TROCAS COMERCIAIS: Anunciada saída do Reino Unido do bloco europeu terá várias implicações para o resto do mundo, mas um responsável britânico assegura que estão salvaguardadas as ligações com a região austral de África.



O secretário para o Comércio Internacional do Reino Unido, Liam Fox, disse, na passada sexta-feira, 22, espe-

rar que a saída da União Europeia (EU) não afecte as relações comerciais com os países da África Austral.

“Esperamos que não haja impacto nenhum”, referiu, citado pela Lusa, no final de uma visita a Moçambique, no âmbito de uma deslocação que incluiu também a África do Sul.

Liam Fox reuniu-se com o presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, e com o ministro do Comércio, Max Tonela, com vista à revisão dos acordos comerciais entre os dois países devido ao ‘Brexit’.

Segundo referiu, há, primeiro, um trabalho técnico a realizar para rever os textos dos acordos, por exemplo, substituindo as referências à UE, e num segundo momento haverá negociações com os países parceiros para tentar alcançar novos acordos.

“Agora é só uma questão técnica, para garantir legalmente a continuidade do comércio”, detalhou, numa declaração a jornalistas em Maputo.

“No momento de saída vamos continuar com as mesmas preferências. Depois podemos até querer fazer mais do que fazemos hoje, mas isso é outro momento de negociação”, referiu.

A indústria açucareira de Moçambique anunciou, na última semana, recetar que, depois do ‘Brexit’, o Reino Unido, seu principal cliente, renegocie a compra de açúcar com outros parceiros, incluindo a própria Europa.

Liam Fox disse que não haverá mudanças, mas admitiu que o



Liam Fox,
secretário para o
Comércio Internacional
do Reino Unido

20

Mil milhões de euros, valor que May pretende desembolsar para contribuições à UE.

MEMORIZE

• Para que Moçambique atraia investidores, o governante considerou importante haver estabilidade macroeconómica, regulação e garantias legais.

maior qualificação da mão-de-obra moçambicana, referiu.

Sobre as conversações de paz em curso entre o governo moçambicano e a Renamo, maior partido da oposição, o político britânico chama a atenção para a necessidade de só haver paz com distribuição de riqueza pela população.

“Sabemos pela experiência da Irlanda do Norte que não basta ter as políticas e segurança alinhadas. Também é preciso que haja prosperidade, o que, no caso, se conseguiu, captando investimento”, referiu.

“O meu encontro com o Presidente da República [moçambicano] foi longo e ele entendeu claramente que os desenvolvimentos políticos, de segurança e da economia estão todos interligados e não nos podemos focar num sem os outros”, disse.

“O que acontece no espaço político tem mais a ver com os partidos, mas nós podemos ajudar na área económica”, sublinhou.

Fox expressou interesse em ter mais empresas do país a investir em Moçambique, realçando a capacidade das autoridades britânicas em apoiarem projetos externos, nomeadamente se entidades do país tiverem um envolvimento mínimo de 20%.

Para que Moçambique atraia investidores, o governante considerou importante haver estabilidade macroeconómica, regulação e garantias legais. Entretanto, as negociações entre o Reino Unido e Bruxelas estão num impasse desde há alguns meses, devido à cláusula que prevê o pagamento, pelos britânicos, de uma taxa pelo “divórcio”. O governo de Theresa May pretende desembolsar 20 mil milhões de euros, mas o governo europeu exige, no mínimo, o dobro desse valor.

O diário britânico Financial Times escreveu recentemente que a primeira-ministra se iria comprometer a pagar a totalidade das contribuições britânicas para o actual orçamento da EU (em vigor até 2020), ou seja, 20 mil milhões de euros.

Reino Unido possa querer encorajar o investimento para acrescentar valor à matéria-prima antes que deixe Moçambique, algo que, segundo referiu, é mais taxado pela UE, que

prefere mercadorias no estado puro. “Queremos encorajar investimento para acrescentar valor” antes que a matéria-prima “deixe Moçambique”, o que acarreta também uma

O PRESIDENTE francês, Emmanuel Macron, adoptou a sua reforma trabalhista, na primeira de uma revisão mais geral do modelo social francês, apesar do protesto de milhares de pessoas.



O PROCESSO de privatização da companhia aérea cabo-verdiana TACV prevê a venda total da empresa, reservando 51% do capital para um parceiro estratégico, 39% das acções para investidores institucionais e 10% para trabalhadores.



O fundo norueguês está avaliado em um bilião de dólares.



FUNDO DA NORUEGA

investimentos no imobiliário

Nos primeiros nove meses do ano em curso o Norges Bank Real Estate Management, gestor do Fundo Petrolífero da Noruega, investiu em oito diferentes projectos do sector imobiliário cerca de 1,9

mil milhões de dólares. Se comparado com o mesmo período de 2016, verifica-se um crescimento de cerca de 40,3%.

No ano em curso, entre outras propriedades, o fundo norueguês comprou, em Setembro, por cerca de 151,9 milhões de dólares, 25% da 20 Air Street, no centro de Londres, passando a ter 50% do referido imóvel depois da compra de

outros 25% em Dezembro de 2013. O imóvel compreende cerca de 25 mil metros quadrados de escritórios e varejo, bem como nove apartamentos.

Ainda no centro de Londres investiu cerca de 84 milhões de dólares num total de 14,666 metros quadrados de escritórios e lojas, repartidos em dois imóveis.

Por 190,8 milhões de dólares adquiriu 49% do edifício New York Avenue NW, em Washington. Já em Paris pagou 554,1 milhões de dólares por 100% do edifício 6-8 boulevard Haussmann, no centro da cidade. O imobiliário é o sector onde o fundo menos investe, representando cerca de 2,5 dos investimentos e superado pelos 32,4% investidos em títulos de rendas fixas. Com 65,1%, as acções concentram o maior investimento.

Constituído em 1986 com um investimento de cerca de 300 milhões de dólares, o fundo do petróleo norueguês é o maior do mundo, avaliado em um bilião de dólares.

EXPORTAÇÃO PETROLÍFERA

EUA 'de olhos' na Ásia

Depois de causar embaraços aos produtores petrolíferos da OPEP com início da produção do petróleo de xisto, os Estados Unidos da América podem estar a preparar-se para aplicar um novo golpe ao cartel.

Esta é a leitura que está a ser feita ao facto de os norte-americanos participarem em número considerável e com diversos produtores e exportadores de petróleo de xisto na conferência Ásia-Pacífico sobre petróleo que se realiza entre ontem e o próximo dia 27 em Singapura.

A participação dos americanos está a ser vista como uma forte aposta para iniciar exportação de xisto nos diversos mercados asiáticos que passaram a ser alternativa de grande parte dos membros da OPEP depois

de passarem a ter dificuldade de exportar para os Estados Unidos na sequência do início da produção do petróleo de xisto.

Em finais de 2015, os EUA levantaram as restrições de quase 40 anos sobre as exportações de petróleo. A produção de xisto iniciou em 2007 e, nos primeiros nove meses do ano em curso, registou um crescimento de cerca de 9% para 9,3 milhões/dia comparativamente ao período homólogo.



PUB

Workshop

Paulo Finuras, Ida
Knowledge Matters

O Factor Confiança na Liderança (e não só!)

A ciência para criar líderes e equipas de elevada confiança

2 a 6 de outubro 2017

Inscrições limitadas
humanskillsangola@gmail.com



Paulo Finuras, Ph.D

Organização
HS - HumanSkills®
Consortium

Media Partner
valor
ECONÓMICO

Belas Business Park - Via 1, s/n
Ed.º Cabinda - Sala 101
Talatona . Luanda - Angola

Ambiente

PESQUISADORES USARAM MODELO MATEMÁTICO PARA O ESTUDO

Carbono nos oceanos vai atingir limiar catastrófico em 2100

OCEANOS. Em 540 milhões de anos ocorreram cinco extinções em massa na Terra, cada uma marcada pela perturbação do ciclo do carbono pela atmosfera e oceanos. E coincidem com as marcas da extinção de espécies marinhas.



Mais de 300 gigatoneladas serão atingidas por volta do virar do século.

A

quantidade de carbono nos oceanos poderá atingir em 2100 o limite acima do qual aconteceram

extinções em massa no passado, avisam investigadores norte-americanos que usaram um modelo matemático para prever o que chamam 'limiar da catástrofe'.

Segundo o professor de Geofísica Daniel Rothman, 310 gigatoneladas é o máximo de carbono que os oceanos aguentam antes de a libertação súbita deste gás alterar o meio ambiente de modo a provocar extinções em massa que podem decorrer ao longo de centenas de anos.

"Isto não quer dizer que o desastre acontecerá no dia seguinte

ao limite ser atingido", salientou, indicando que "o ciclo do carbono passaria a estar instável e comportar-se-ia de uma maneira imprevisível, o que, no passado geológico, está associado com extinções em massa."

Rothman estima que, ao ritmo a que a actividade humana produz carbono, as 310 gigatoneladas serão atingidas por volta do virar do século.

Ao longo de 540 milhões de anos aconteceram na Terra cinco extinções em massa, cada uma marcada pela perturbação do ciclo do carbono que passa pela atmosfera e pelos oceanos. Estas perturbações foram ocorrendo ao longo de milhares ou milhões de anos e coincidem com as marcas da extinção de espécies marinhas em todo o planeta.

MEMORIZE

● **Ao longo** de 540 milhões de anos aconteceram na Terra cinco extinções em massa, cada uma marcada pela perturbação do ciclo do carbono que passa pela atmosfera e pelos oceanos. Estas perturbações foram ocorrendo ao longo de milhares ou milhões de anos e coincidem com as marcas da extinção de espécies marinhas em todo o planeta.



310

Gigatoneladas é o máximo de carbono que os oceanos aguentam.

Num estudo publicado na revista Science Advances, o investigador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts afirma ter identificado um "limiar de catástrofe" nas extinções que já aconteceram, estabelecendo que o que importa não é a quantidade de tempo que demoram as perturbações no ciclo do carbono, mas a quantidade de carbono em causa.

No ciclo normal do carbono, que depende de um vaivém constante entre consumo e produção, há sempre uma quantidade adicional de carbono que é depositada nos fundos oceânicos. Quando há um excesso de produção de dióxido de carbono, como a que caracteriza a actividade humana desde a industrialização, esse excesso leva ao aquecimento global e à acidificação dos oceanos, o que desencadeia as extinções globais.

Segundo as piores previsões, o nível de carbono nos oceanos poderá ser muito superior ao limite definido por Rothman e chegar às 500 gigatoneladas. "Deve ser possível recuar nas emissões de dióxido de carbono", afirmou Rothman, salientando que a sua investigação "aponta razões pelas quais é preciso ter cuidado".

Educação & Tecnologia

EMPRESA PASSA A SER ACCIONISTA MAIORITÁRIA

Google compra HTC por 1,1 mil milhões de dólares

TELEMÓVEIS. Com este investimento, a Mountain View, nos EUA, reforça a aposta em áreas como a realidade aumentada e as comunicações móveis.

A

Google anunciou, na passada semana, a aquisição de parte da equipa de desenvolvimento de

celulares e no licenciamento de propriedade intelectual da HTC por 1,1 mil milhões de dólares. Os pesquisadores vão trabalhar na área responsável pelo smartphone Pixel, o alto-falante inteligente Google Home e o Chromecast.

“Com esse acordo, uma equipa de talentos da HTC irá juntar-se à Google como parte da área de hardware”, afirmou Rick Osterloh, vice-presidente de aparelhos do Google, em nota.

Peter Shen, director financeiro da HTC, afirmou ao ‘New York Times’ que irá empregar mais de dois mil pesquisadores no acordo.

12,5

Mil milhões de dólares, preço a que, em 2011, a empresa comprou a Motorola Mobility.

MEMORIZE

- Após três anos de insucessos, a empresa foi vendida à Lenovo por um quarto desse valor. Ainda assim, a Google reteve algumas das patentes essenciais da empresa.

Responsável pelo sistema operacional móvel mais usado do mundo, o Android, e de populares serviços conectados, como

Gmail, YouTube e Maps, a Google tenta engrenar como fabricante de aparelhos.

A primeira investida nessa linha foi o lançamento do smartphone Nexus One, em 2010. O sucesso só veio mesmo, no entanto, com o Chromecast, em 2013. Do tamanho de uma pen-drive, o aparelho transformava TV normais em inteligentes.

A Google e a taiwanesa HTC já trabalharam juntos no desenvolvimento do tablet Nexus 9, lançado em 2014.

Esta é a segunda negociação do Google que envolve uma fabricante de smartphones. Em 2011, a empresa comprou a Motorola Mobility por 12,5 mil milhões. Após três anos de insucessos, a empresa foi vendida à Lenovo por um quarto desse valor. Ainda assim, a Google reteve algumas das patentes essenciais da empresa.

A empresa garante que este sistema de pagamento é o mais seguro do mundo.



REINO UNIDO

Supermercado permite pagamento com impressão digital

O Reino Unido tornou-se no primeiro país do mundo a ter um supermercado onde é permitido que os clientes paguem as compras através da tecnologia da impressão digital. A invenção, denominada Fingopay, funciona através de um sistema infravermelho que ‘lê’ as veias dos dedos e vincula o mapa biométrico às contas bancárias de cada cliente.

Os clientes da loja Costcutter, no campus da Universidade Brunel de Londres, foram os primeiros a testar a inovação para pagar através das impressões digitais.

O sistema de pagamento foi simplificado, já que os compradores poderão ir ao supermercado sem dinheiro ou sem cartões, e poderão pagar simplesmente utilizando as suas mãos.

Os dados bancários são guardados no fornecedor de pagamentos Worldpay, da mesma maneira que pode armazenar

quando são comprados produtos pela internet.

A empresa que está por trás desta invenção, Sthaler, com sede em Londres, informou aos meios de comunicação que está a trabalhar com outros supermercados do Reino Unido para adaptar esta tecnologia.

A Sthaler afirmou que este sistema de pagamento é o mais seguro, já que “não pode ser copiado ou roubado”.

Além disso, espera que mais de três mil estudantes dos 13 mil que há no ‘campus’ onde a tecnologia está a ser testada se registem antes de Novembro para utilizar o Fingopay.

A empresa disse que está a negociar levar o sistema não só aos supermercados, mas também a discotecas, academias e estádios de futebol para identificar com facilidade quem têm acesso às zonas VIP.

A impressão digital já é utilizada no Reino Unido para entrar em alguns edifícios de alta segurança ou autorizar as transferências de comércio interno num banco de investimento.



Esta é a segunda negociação do Google que envolve uma fabricante de smartphones.

Marcas & Estilos

Ócios criativos

Não haverá, de certeza, forma melhor de oferecer a si e ao seu corpo aquele descanso de que tanto precisa, que não seja encostada ao conforto, em larga escala, de uma das poucas e mais criativas poltronas da Sylvia, cujo centro de equilíbrio é garantido por uma ousada moldura de alumínio.

Pulsos elegantes

As pulseiras da Cartier vislumbram a delicadeza e exibem a elegância nas suas mãos. São peças que têm sido um ícone desde os anos de 1970. Os 18 quilates asseguram o símbolo da benignidade.

Puro e confortável

Esta é a melhor forma que o criador desta T-shirt Teespring encontrou para lhe dar as boas vindas à resiliência resultante da qualidade e leveza do tecido de algodão puro e bastante confortável. E uma aparência fantástica.

Relaxe eterno

As sapatilhas femininas 'Air Max 1', criadas com metal dourado líquido, atribuem aos seus pés a melhor sensação de maciez. De todos os tênis de metal líquido fabricados pela Nike até ao momento, o 'Air Max 1' está certamente entre os mais procurados.

Requinte acertado

A chave para o sucesso nos negócios é a... pontualidade que só o relógio 'Eloxed', banhado em alumínio, suavemente bronzeado e com acabamentos em jactos de areia, lhe pode oferecer. O 'Eloxed' é protegido por vidro trabalhado em mineral e que o torna anti-reflectivo.

Hora da vida

O detalhe do relógio anelar da Bulgari, que lhe proporciona a maior exactidão temporal, está no prazo de vida de três anos que a sua minúscula bateria apresenta e que só deve ser trocada pelo fabricante. Além de se manter aceso por 15 segundos depois de uma rotação manual, é à prova de água e garante a possibilidade de um duche sem grandes preocupações.

TURISMO

Cabinda: Maravilha tropical

Localizada a Norte de Angola e separada pelo mar do resto do país, Cabinda possui imensas riquezas turísticas. A floresta do Maiombe é o seu principal cartão-postal. Considerado um 'mar vegetal', é uma floresta tropical fechada que encanta com os magníficos tons verdes. É uma das maiores reservas de espécies animais e vegetais do mundo e uma das 'Sete Maravilhas Naturais de Angola'.

Os pratos típicos são a base de muambas, com peixe seco, pato e o feijão macoba, acompanhadas de suidi, fúmbua, além do calulu de carne seca, saca-folha e banana-pão.

O Hotel Maiombe, no centro da cidade, dispõe de 42 quartos equipados com TV, frigobar, ar condicionado e telefone. E dispõe de serviços de bar, restaurante e salas de conferência.



AUTOMÓVEL

Sofisticação e performances

Prometido é devido. A Kia assegurou que se iria tornar numa marca mais dinâmica e desportiva. E a prova está aqui! Na verdade, antecipou o que se acreditou ser o novo Kia GT, um coupé de quatro portas, tracção traseira e motor V6 de 3.3 litros de capacidade. Uma espécie de Porsche

Panamera com os olhos em bico.

O GT inspirou-se no protótipo apresentado há cinco anos, mas, a julgar pelos adjetivos que a marca sul-coreana utilizou para o descrever – design apelativo, sofisticação e performances de aumentar a pulsação – houve motivos para esperar algo inovador.



AGENDA

LUANDA

ATÉ 18 DE OUTUBRO

Exposição 'Ideia' do artista Angolano Uólofe no Espaço Luanda Arte (ELA). A partir das 18 horas. Entradas livres.

27 DE SETEMBRO

À conversa com a Dra. Rosa Bessa sobre 'A Saúde Materno-Infantil e as Doenças Transmissíveis', na Academia BAI. Às 17h:30. Entradas grátis.

30 DE SETEMBRO

Concerto Masmamba Jazz/Canção dos Mestres II com Vladimir Gongá, Filipe Mukenga, Sandra Cordeiro e Ekuikui (Duo Canhoto), no Centro Cultural Português. Às 20 horas.

DE 2 A 6 DE OUTUBRO

12.ª Edição do Fórum de Arquitectura na Universidade de Lusíada de Angola. A partir das 14 horas.

26 DE OUTUBRO

3.ª Edição o Festival Caixa Luanda no Cine Atlântico com Ary e Anabela Aya.

“Não há escola melhor do que tocar em bares. Ali, tens o contacto directo com o público, tens as caras feias e as bonitas a sorrirem e a não gostarem e tu aprendes a lidar com isso.”

IVAN ALEKXEI, MÚSICO, LANÇA O PRIMEIRO DISCO EM DEZEMBRO

“Faço votos de que as coisas agora sejam diferentes”

MÚSICA. É um dos rostos da nova geração em destaque. Foi a ‘Voz Revelação’ do Top Rádio Luanda. Com mais de 10 anos de carreira, Ivan Alekxei planeia lançar o primeiro álbum ainda este ano. Formado em Engenharia, espera que o novo Governo corrija as falhas e que as coisas, a partir de agora, “sejam de facto diferentes”.

Por Lúcia de Almeida

“Mas eu não desisto, eu persisto e diante disto, juro que eu insisto, eu sei que a minha vez, meu kota vai chegar, tenho fé no coração”. Esta é uma das passagens do grande sucesso ‘Meu Kota’ de Ivan Alekxei. Além da música ‘Meu Kota’, o músico tem outras músicas que têm feito bastante sucesso e vão animando com as mensagens e ritmos contagiantes as festas e não só. Por exemplo; ‘Casamento’, ‘Vizinha Maria’, ‘Kamuputu’ e outras que andam na boca dos jovens e até mesmo dos ‘mais velhos’.

Natural do Kwanza-Sul, Ivan começou a caminhada musical aos nove anos, na igreja. Na altura, tocava apenas bateria. Encantado pela palavra e alegria dos cultos religiosos, certo dia, viu-se ‘obrigado’ a substituir o líder do seu grupo coral. Desde então, a ligação com a música tornou-se mais forte e mais séria.

Convidado por um amigo para

assistir a uma das apresentações num bar no Lubango, na Huíla, o músico foi surpreendido ao ser chamado ao palco para cantar. Foi naquele momento que, motivado pelas palmas dos presentes, Ivan percebeu que era aquilo que realmente queria fazer. Hoje, acredita que foi tocar em bares que se tornou neste músico. “Não há escola melhor do que tocar em bares. Ali, tens o contacto directo com o público, tens as caras feias e as bonitas a sorrirem e a não gostarem e tu aprendes a lidar com isso”, justifica, recordando que, na altura, a forma de pagamento era apenas a “alegria do público” e a “refeição”.

MAIS DE 10 ANOS DE CAREIRA

Com uma carreira de mais de dez anos, o artista considera que a dificuldade que encontra ao longo do percurso não tem nada que ver com o estado da carreira, mas com a vida, que apresenta sempre dificuldades e que, por conseguinte, nos leva a pensar que “quando se está no auge tem-



Mário Mujetes © VE

Se, enquanto jovens, não nos formarmos e não acreditarmos que somos capazes, vamos ter um país debilitado.

-se menos problemas”.

Ivan Alekxei já compôs para N’soki, Sandra Cordeiro, Kamané Silva, entre outros. Tem como referências musicais André Mingas, Gabriel Tchiema, Ndaka yo Wiñy, Paulo Flores, Stive Wonder, Baby

Face e outros.

O seu timbre vocal já o levou a ser confundido com, por exemplo, Hélivio, Paulo Flores e Daniel Nascimento, o que o agradou por estes apresentarem trabalhos “com qualidade”.

Primeiro disco

‘Meu Chão’ é o título do disco de estreia a ser lançado em Dezembro. Mergulhado nos estilos zouk, massembe, balada e samba, o álbum vai comportar 14 músicas e trará participações de Kyuku Kyadaf e Yuri da Cunha.

MÚSICA ANGOLANA RESPEITADA

Ivan acredita que a música angolana “cresceu bastante”, pois já se consegue notar o quanto ela é “respeitada”. Recorda, por exemplo, que, na década de 1990, não se conseguia ter festas inteiras apenas com músicas angolanas, algo que hoje, afirma, “já é possível”.

Mesmo tendo em conta alguma melhoria da arte, Ivan Alekxei

PERFIL

Nome: Ivan Alekxei de Araújo Barbosa
Data de nascimento: 14 de Maio
Naturalidade: Kwanza-Sul (registado na Huíla)
Estado Civil: Solteiro
Prato favorito: peixe frito com arroz e feijão
Filhos: Uma menina
Formação: Engenharia Civil pela Universidade Óscar Ribas
Clube desportivo: Atlético Petro de Luanda

lamenta que muitos músicos tenham uma evolução “bastante lenta” e tendem mesmo a “regredir” no que às mensagens se refere, sendo que a maioria faz “letras fúteis” e, muitas vezes, desvirtuam o que outros artistas fazem bem e com muito esforço”.

JUVENTUDE “DISTRAÍDA”

Ivan pensa que parte da juventude anda “muito distraída” e a “perder tempo a reclamar”. O compositor julga que toda a reclamação devia vir acompanhada de algum esforço e aconselha os jovens a lutarem mais pelo país e pelas coisas em que acreditam. “Se, enquanto jovens, não nos formarmos e não acreditarmos que somos capazes, vamos ter um país debilitado. Preocupa-me ver o país a minguar e as pessoas só a reclamar e não fazerem nada. É importante que, além de reclamar, se faça alguma coisa. Os jovens distraem-se muito com festinhas e ilusões.”

Engenheiro civil de formação, abandonou o emprego para se dedicar à música. Segundo o artista, precisava da formação para uma garantia, pois, para além de querer realizar o sonho dos pais – concluir a formação –, vê que “a música é muito insegura”. Hoje, inteiramente dedicado à música, garante que não se arrepende da escolha e sente-se “feliz” por não fazer parte dos que trabalham em áreas de que não gostam.

Ivan Alexei afirma que a necessidade de melhorar o país é “visível”, por isso, espera que o novo Governo, antes de tudo, aceite que existem falhas e trabalhe sobre elas para que se melhore a qualidade de vida dos angolanos, desejando que se oiça mais os jovens e se criem mais empregos. “Faço votos de que as coisas agora sejam diferentes”, concluiu.

NÚMEROS DA SEMANA

16.351

É o total de consumidores que a Empresa Nacional de Distribuição de Energia (ENDE), no Cunene controla actualmente.

1,5

Milhões de dólares é o valor da garantia de Estado para o pagamento à primeira solicitação do contrato de concessão do projecto do Porto da Barra do Dande, indica decreto residencial.

6

Milhões é o número de telemóveis que a empresa angolana Lisa Pulsaris prevê fabricar, por ano.

10,6

Milhões de kwanzas é o valor arrecadado pela direcção da Indústria, Geologia e Minas na Huila, no primeiro semestre.

CHINA RAILWAY ENTRA NA SAÚDE

16 milhões USD em equipamentos

O Governo autorizou a assinatura de três contratos de fornecimentos de equipamentos hospitalares, avaliados em 16 milhões de dólares. Em diferentes despachos, o Presidente da República cessante, José Eduardo dos Santos, orienta o ministro da Saúde a celebrar o contrato em representação do Estado.

O negócio, de acordo com os documentos presidenciais, deverá ser feito com a empresa chinesa China Railway Constructions Corporation (CRCC). Os equipamentos serão encaminhados ao Uíge (para os hospitais municipais do Bembe e Milunga) e Moxico, que servirá para o apetrechamento do Hospital

Municipal do Camanongue, sendo que cada contrato está avaliado em quatro milhões de dólares.

“O ministro das Finanças é autorizado a proceder ao enquadramento do referido contrato numa das linhas de crédito junto das instituições financeiras da República Popular da China e criar condições para assegurar a sua execução financeira”, lê-se nos despachos, publicados no Diário da República, de 11 de Setembro.

Entretanto, recentemente, o Presidente da República, José Eduardo dos Santos, autorizou a contratação da empresa CRCC, que entra agora na saúde, para efectuar manutenção da malha ferroviária nacional. A empreitada está orçada em mais de 50 milhões de dólares. Aliás, a CRCC está envolvida em várias empreitadas de construção civil do Estado angolano.



SOUTH AFRICAN AIRWAYS

Cortados voos para Luanda

A South African Airways (SAA) irá cortar três das sete frequências semanais entre Joanesburgo e Luanda. A decisão entra em vigor a partir do próximo dia 9 de Outubro,

No entanto, manter-se-ão os voos das segundas, quartas, sextas e domingos. A South African Airways (SAA) está a cancelar diversos voos regionais no continente africano, de acordo com um plano de reestruturação de rotas, que tem em vista uma maior rentabilidade da companhia aérea, que está a passar por um momento de grandes restrições e de reorganização de toda a sua rede operacional.

A SAA tem ‘retido’ em Angola 65,2 milhões de dólares devido à crise cambial que o país enfrenta. Entretanto, o governo da África do Sul anunciou que vai pressionar o novo Governo angolano, no sentido de reaver os dólares da companhia aérea sul-africana. O valor é resultado de negócios da SAA, nomeadamente vendas de bilhetes de passagens.

A SAA está numa situação de maus momentos nos negócios, principalmente no fórum financeiro. Estima-se que Angola esteja com uma dívida de cerca de 500 milhões de dólares a diversas companhias aéreas estrangeiras.



OBRAS

11 milhões USD investidos

Mais de 11 milhões de dólares foram investidos nos últimos 12 meses no sector da construção civil, segundo o director da Unidade Técnica de Apoio ao Investimento Privado (UTAIP) do Ministério da Construção, Cláudio Rodrigues.

O valor resulta da assinatura de mais de dez contratos com empresas chinesas, algumas das quais beneficiaram da Linha de Crédito da China (LCC). O responsável assinou, na semana passada, um contrato de investimento privado, avaliado em um 1,5 milhões de dólares, com a empresa China Jiangsu International Economic And Technical Cooperation Group.

O projecto, a ser executado dentro de um ano, em Luanda, vai criar mais de 70 postos de trabalho. As grandes obras de investimento público, recentemente inauguradas em Angola, foram implementadas e aprovadas com base nas propostas de empresas chinesas, que trouxeram linhas de financiamento que permitiram a execução de muitos projectos estruturantes no país”, reforçou.

O VALOR ESTA SEMANA

BNA

Política restritiva criticada

O economista José Cerqueira criticou a política restritiva monetária do BNA que, segundo diz, não serve nem para combater a inflação, tão-pouco as altas taxas de juros. Em entrevista ao VE, o economista fala do livro da sua autoria, sobre a economia nacional, que prevê lançar ainda esta semana, em Luanda. Págs. 4 a 6



DERIVADOS DO PETRÓLEO

Gás butano tem novo ‘player’

O mercado de enchimento de gás butano conta com um novo operador. Trata-se da Progás, que agora disputa o negócio com mais três empresas, incluindo a Sonangol. Apesar de existir desde meados do ano passado, apenas nas últimas semanas, a nova marca vai sendo conhecida pelos potenciais clientes como resultado de um contrato entre a empresa e a Pumangol. Pág. 18

AGRICULTURA

IDF ‘caça’ madeira ilegal

O Ministério da Agricultura, através do Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDF), apreendeu, durante a campanha florestal de 2016 e a vigente, 3.120 metros cúbicos de madeira em toro, transportados de forma ilegal. Este mês, já foram interceptados 31 camiões. Ministério da Agricultura acredita que os números venham a baixar. Pág. 12